

**LILIANE AZEVEDO DELAGE**

**UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PROFESSORES DE UM CURSO  
SUPERIOR DE HOTELARIA**

**EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**PUC - SP  
SÃO PAULO  
2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**LILIANE AZEVEDO DELAGE**

**UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PROFESSORES DE UM CURSO  
SUPERIOR DE HOTELARIA**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Educação: Psicologia da Educação, sob orientação da Professora Doutora Melania Moroz.**

**PUC-SP  
SÃO PAULO  
2006**

DELAGE, Liliane Azevedo

Uma análise das práticas educativas de professores de um curso superior de hotelaria / Liliane Azevedo Delage – São Paulo, 2006.

97 f.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Educação: Psicologia da Educação .- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Professora Doutora Melania Moroz.

1. Educação

2. Prática docente

3. Behaviorismo Radical

Liliane Azevedo Delage

Uma análise das práticas educativas de professores de um curso superior  
de hotelaria

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Educação: Psicologia da Educação, sob orientação da Professora Doutora Melania Moroz.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

São Paulo 2006

## **AGRADECIMENTOS**

Qualquer pessoa bem sucedida teve, em sua trajetória, alguém que de alguma forma lhe estendeu a mão. Ao citar as várias pessoas em agradecimento à realização deste trabalho, desejo expressar o quanto importante foi, de diversas formas, a mão amiga estendida e a diferença que ela fez.

- À Dra. Melania Moroz pela orientação segura que ela transmitiu por meio de sua comprovada competência e de suas lições de objetividade.
- Aos meus pais e familiares pelo constante apoio e incentivo que se transformaram em valiosa ajuda.
- Ao SENAC pelo patrocínio financeiro, sem o qual não teria sido possível a consecução deste objetivo.
- Aos colegas de trabalho que, em diversas vezes, supriram minha ausência com esforço e dedicação.
- As minhas amigas Marilene e Roberta, companheiras de curso, pelas gargalhadas e alegre companhia durante as viagens.
- Aos professores que participaram desta pesquisa proporcionando uma importante colaboração.
- Aos professores que compuseram a banca de qualificação pelas contribuições que, em muito, facilitaram o meu trabalho.
- Em especial, a Deus por ter me dado a força necessária para vencer as dificuldades surgidas ao longo desta jornada.

A todos meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

A presente pesquisa apóia-se no behaviorismo radical e nos princípios da análise do comportamento, formulados por Skinner, para proceder à reflexão sobre o papel da educação e sobre o processo ensino-aprendizagem. Defendendo-se que ensinar é prover condições que facilitem a aprendizagem do aluno e que, para tanto, é primordial a atuação do professor, teve-se como objetivo conhecer a prática docente de professores que atuam em um curso superior de formação de profissionais em hotelaria. Participaram como sujeitos desta pesquisa quatro professores responsáveis por disciplinas denominadas “práticas”. Para a obtenção dos dados, utilizamos a observação em situação natural, ou seja, observamos a atuação docente tal como ocorre no cotidiano de sala de aula, sem a interferência da pesquisadora. Os dados obtidos foram analisados, tendo por modelo a Análise Funcional, colocando-se em foco as interações pedagógicas entre professor e aluno. A partir da categorização das práticas docentes observadas, foi possível identificar práticas que são produtivas no processo de ensino, pois promovem comportamentos acadêmicos adequados dos alunos. As informações da ação docente, no cotidiano escolar, que foram obtidas, permitiram refletir sobre aspectos que devem ser contemplados na formação a ser propiciada a professores. Ao colocar em foco o processo de ensino-aprendizagem em nível superior, esta pesquisa pretende contribuir com a área de formação de professores a partir do referencial behaviorismo radical/ análise do comportamento.

Palavras chave: educação, ensino, prática docente, interação professor-aluno, formação de professores, análise do comportamento, behaviorismo radical.

## **ABSTRACT**

This research has its support on radical behaviorism and also the principles of behavior analysis based on Skinner in order to reflect on the education role as well as the teaching-learning process. One defends that teaching is to provide conditions that make the student's learning easy, so at this point, it is essential the teacher's performance. So as to develop this research, the objective was to get to know the practice of the teachers who perform in Hospitality College (higher course that works on professional formation in Hospitality). For this research, there were four participants involved and responsible for some disciplines whose names are nominated "practices". To obtain the data, it was used the observation in natural situation, this means that, the teacher's performance was observed in day-by-day classroom, with no interference of the researcher.

The collected data were analyzed having as a model the Functional Analysis which focused on the pedagogical interactions between teacher and student. From the characterization of the teachers' practices, that were obtained by the observation, was possible to identify some practices considered productive on the teaching process because they provided adequate academic behavior for the students. The pieces of information related to the teachers' action in their day-by-day classroom allowed reflection on some aspects that must be approached on the teachers' formation. Having as a focus the teaching-learning process in higher level, this research intends to contribute in teachers' formation area taking as referential the radical behaviorism and behavior analysis.

Key-words: education, teaching, teacher's practice, teacher-student interaction, teachers' formation, behavior analysis, radical behaviorism.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>EDUCAÇÃO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO .....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM HOTELARIA.....</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>O CENTRO UNIVERSITÁRIO SENAC .....</b>	<b>34</b>
<b>5</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>38</b>
5.1	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS .....	42
5.2	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS .....	45
<b>6</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>57</b>
6.1	PRÁTICAS DE ENSINO OBSERVADAS NAS AULAS DE PA. ....	57
6.2	PRÁTICAS DE ENSINO OBSERVADAS NAS AULAS DE PS. ....	67
6.3	PRÁTICAS DE ENSINO OBSERVADAS NAS AULAS DE PC. ....	73
6.4	PRÁTICAS DE ENSINO OBSERVADAS NAS AULAS DE PM. ....	80
6.5	CONSIDERAÇÕES GERAIS DAS ANÁLISES DE PA, PS, PC E PM .....	88
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>90</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>95</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem origem no desenvolvimento de minha prática profissional. Desde 2001, atuo na coordenação de um curso superior de Hotelaria, em uma instituição privada de ensino superior, no interior do estado de São Paulo. Nestes anos, instigou-me conhecer como os professores de disciplinas específicas desenvolvem sua prática pedagógica, uma vez que a maioria não possui formação na área pedagógica e sim em cursos de graduação com formação voltada para o mercado de trabalho, como, por exemplo, hotelaria ou gastronomia.

Com base nesta situação levantou-se a questão: quais contingências de ensino vigoram durante as aulas ministradas por professores deste curso superior de hotelaria? De forma mais específica, colocou-se em foco a atuação de professores de disciplinas práticas, de modo a verificar quais as práticas pedagógicas por eles desenvolvidas. Considerou-se que, ao se diagnosticar o contexto atual que vigora em sala de aula, propostas de intervenções mais eficazes poderiam ser aplicadas, futuramente, no cotidiano escolar.

Para tanto, esta pesquisa foi embasada na abordagem comportamental para discutir a educação e a atuação dos professores no processo ensino-aprendizagem. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a observação em situação natural, e os registros foram realizados de forma cursiva. Os dados obtidos foram reorganizados em quadros analíticos, de forma a possibilitar olhar as interações entre professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno; foi realizada a categorização da atuação dos

professores, o que permitiu a identificação das práticas educativas mais adequadas no ato de ensinar, pois são promotoras de comportamentos acadêmicos dos alunos.

Na primeira parte do trabalho discutiremos a educação e o papel do professor. Em seguida, apresentaremos a formação do profissional em hotelaria, a instituição onde a pesquisa foi desenvolvida, os procedimentos metodológicos e, por fim, apresentaremos os resultados da pesquisa e, a partir do que foi constatado, nossas reflexões sobre práticas educativas de professores que atuam em curso de formação profissional em hotelaria. Espera-se, com este trabalho, contribuir com a área de formação docente, considerado em sua atuação no cotidiano escolar, em especial, com aqueles que atuam em disciplinas práticas da área hoteleira.

## 2 EDUCAÇÃO SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Este trabalho tem como foco a prática docente de professores que atuam em um curso de formação de profissionais em hotelaria. Pretende-se investigar como os professores de disciplinas práticas desenvolvem suas ações pedagógicas, identificando facilidades e dificuldades que encontram no processo de ensino para, posteriormente, apresentar algumas propostas para futuras intervenções que visem à superação das dificuldades detectadas.

Pretende-se, com a presente pesquisa, oferecer subsídios aos profissionais que atuam na formação de professores em cursos de formação de profissionais em hotelaria. Como afirma Zanotto (2000, p. 133):

Uma compreensão das atuais contingências sob as quais o professor atua, e que são responsáveis por mantê-lo ensinando do modo como faz, pode fornecer informações relevantes para o planejamento de novas contingências de ensino.

Esta citação fundamenta a proposta deste projeto de pesquisa.

Tomando como base o trabalho de Skinner, Kita (2004) salienta que, para o autor, o professor tem um papel muito importante, embora nem sempre isto seja reconhecido pela sociedade. Como apontado por Skinner, ao mostrar que a importância do professor é evidenciada em situação de crise:

É ele [o professor] quem está em contato direto com os alunos e quem planeja as contingências de reforço [que é o ensino] sob as quais eles aprendem; se ele falha, todo o sistema fracassa. A importância do professor fica em evidência nos momentos em que é atacado, quando uma nova política educacional, ou um novo sistema de administração, ou novos métodos de ensino deixam de dar os bons resultados esperados. (SKINNER, 1972, p.238).

A importância do professor, infelizmente, só é destacada quando a eficiência do ensino é questionada. O ideal seria atuar junto ao professor, sistematicamente, de modo a subsidiá-lo para um ensino eficiente. A partir do momento que não se conhece o modo como o professor atua em sala de aula, suas dificuldades e o que necessita para tornar o ensino mais eficiente, corre-se o risco de propor intervenções, junto ao professor, que não contribuam com a sua atuação.

Rodrigues (2005), discutindo a questão da formação de professores, indica que Skinner defende a atuação junto ao professor, de modo a subsidiá-lo em sua formação para o ensino. E, para tanto, o autor defende que tal formação se apóie em estudos e pesquisas que gerem conhecimento sobre o ensino, pesquisas estas que deveriam realizar uma análise científica do comportamento. Afirma a autora:

A formação propiciada aos educadores, de forma generalizada, apresenta práticas restritas, quase sempre, à leitura e discussão de textos e a estágios de final de curso. A formação do professor constitui-se, por conseguinte, num processo visto como natural e espontâneo, de aprender com base na própria experiência. O que, aparentemente, pode ser louvável, acaba por se transformar num percurso que pode ou não ser eficiente e, quando ocorre, raras exceções, são permeados de situações penosas que poderiam não existir, caso o jovem professor

não fosse deixado à própria sorte em sua aventura de aprender a como ensinar, Skinner considera não apenas difícil e inadequado o fato de o professor, em sua formação (como qualquer outro aprendiz), aprender com base na própria experiência. Mas também considera errado, conforme clarifica na seqüência de trechos a seguir:

... a pedagogia não tem sido uma verdadeira tecnologia do ensino. O ensino nas faculdades, com efeito, não tem sido de modo algum abordado. O professor principiante não recebe preparação profissional. Geralmente começa ensinando simplesmente como foi ensinado e, se melhora, é apenas graças à sua própria e desamparada experiência ... Qualquer conhecimento especial da pedagogia como ciência básica é tido como desnecessário. (1968/1972, p. 90 e 91).

O comportamento humano é complexo demais para ser deixado à experiência casual ... os professores necessitam de auxílio. Em particular, necessitam da espécie de auxílio oferecida por uma análise científica do comportamento (1968/1972, p.91). (p.3 e 4)

Nos resultados de sua pesquisa sobre formação de professores, Rodrigues (2005) evidencia uma carência de estudos sobre os fenômenos educacionais, apoiados na análise do comportamento, carência que é maior, principalmente, nos níveis superior, médio e na segunda etapa do ensino fundamental, evidenciando a necessidade de analisar estudos com estes níveis de ensino.

No presente trabalho tem-se como finalidade fazer uma análise das práticas educativas de professores que atuam em um curso superior de formação profissional em hotelaria. Considera-se que a identificação de dificuldades com que se deparam com mais freqüência, bem como de práticas produtivas no processo de ensino, permitirá obter informações da ação docente, no cotidiano escolar, o que, por sua vez, possibilitará refletir sobre a formação a ser propiciada ao professor. Assim, esta

pesquisa pretende contribuir com a área de formação de professores, ao colocar em foco o processo de ensino-aprendizagem em nível superior, tendo como referencial a análise do comportamento.

Esta pesquisa apóia-se no Behaviorismo Radical, proposto por Skinner. O Behaviorismo Radical é a filosofia que fundamenta uma prática científica que pode ser chamada de Ciência do Comportamento ou Análise do Comportamento. Para Skinner, o indivíduo é um ser ativo uma vez que sua ação produz conseqüências no ambiente.

O objeto de estudo da Psicologia, para o Behaviorismo Radical, é a interação organismo – ambiente, sendo o comportamento entendido a partir de tal interação. Tem-se uma visão determinista do comportamento, ou seja, defende-se ser possível estabelecer leis descritivas do comportamento e identificar em função de que o organismo age. Esta visão é inspirada na teoria da evolução das espécies por seleção natural de Darwin, e tem, como modelo causal, a seleção por conseqüência, que se apóia em dois processos: a variação e a seleção.

Por esse modelo explicativo, o comportamento é entendido como produto da inter-relação de contingências, ou seja, de eventos que são afetados ou causados por outros eventos e que operam em três níveis: o da espécie (filogenético), o do indivíduo (ontogenético) e o das práticas sociais (cultura). Identificar as contingências é requisito necessário para que possamos agir sobre os determinantes da ação.

O repertório comportamental não é produto apenas da seleção natural (nível filogenético), responsável pelos chamados comportamentos respondentes, cuja característica é responder a um estímulo, mas também é produto da seleção por conseqüências que afetam o indivíduo durante sua vida (nível ontogenético),

responsável pelos comportamentos operantes, cuja característica é operar no meio. Isto quer dizer que o organismo age produzindo estímulos conseqüentes (posteriores à sua ação) e não apenas respondendo automaticamente ao seu meio, como ocorre na relação respondente. Como apontam Zanotto, Moroz e Gióia (2000, p. 224):

Uma importante diferença entre as relações comportamentais respondente e operante encontra-se na noção de causalidade. Enquanto os estímulos antecedentes são responsáveis pelo comportamento reflexo (ou respondente), na relação operante os estímulos conseqüentes é que determinam o comportamento. (...) a noção de causalidade se inverte, isto é, a causa não é o que antecede o comportamento. O que determina como um indivíduo pensa, age, planeja é a conseqüência do pensar, agir, planejar.

No terceiro nível de seleção, os processos de variação e seleção ocorrem em relação às práticas culturais; estas são selecionadas pelas conseqüências que contribuem para solucionar problemas do grupo e não de seus membros individuais. As práticas culturais também interferem possibilitando a ampliação do repertório comportamental dos indivíduos.

Assim, o repertório dos indivíduos vai sendo constituído na seleção que estabelece com o ambiente (físico e social). No caso do ser humano, para a constituição do repertório do indivíduo o ensino é fundamental, especialmente o formalizado na escola. Muito do que o indivíduo aprende é decorrência do ensino, cujo responsável é o professor.

Em consonância com Skinner, Zanotto, Moroz e Gióia (2000, p. 229-230), afirmam que o professor assume papel fundamental no processo de ensino-



aprendizagem, como fica claro no texto a seguir: “No âmbito da aprendizagem formal, do processo que envolve a relação professor-aluno na situação escolar, não podemos considerar o processo de aprendizagem separado do processo de ensino”.

Carmo (1994) diz que podemos situar a aprendizagem e o ensino como atividades que envolvem a participação de dois elementos, o professor e o aluno. É na relação ensino-aprendizagem que encontraremos o eixo central dos trabalhos pedagógicos. A aprendizagem é um processo permanente na vida do indivíduo, não se restringindo à situações pedagogicamente definidas em sala de aula; no entanto, estas são fundamentais quando queremos nos referir à aprendizagem que é resultado do ensino.

Nesta perspectiva, o processo de aprendizagem é indissociável do processo de ensino, tornando o planejamento fundamental. Isto significa dizer que a atuação do professor é essencial e, para tanto, o professor deve planejar o ensino. Como destacado por Zanotto, Moroz e Gióia (2000, p. 230): “(...) uma pessoa que se propõe a ensinar deve acreditar que é possível que o outro aprenda alguma coisa de modo eficiente e que é preciso que o ensino ocorra para que a aprendizagem ocorra”.

Pretende-se, a seguir, apresentar o que se espera do professor: quais seriam as suas funções e quais os conhecimentos necessários à sua atuação - o ensino - tomando como referência os conceitos propostos por Skinner.

Para Skinner (1953/2003, p.437), “A educação é o estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o indivíduo e para os outros em algum tempo futuro”.

Partindo desta conceituação proposta por Skinner, Moroz (1993) busca explicitar a posição do autor sobre a educação. Salientando que educar envolve a atuação de alguém em relação a outrem, aponta que isto implica em uma atuação planejada e temporal dos agentes educativos, no presente, tendo em vista estabelecer comportamentos que deverão ser emitidos pelo aluno, posteriormente, sem a presença do professor. Assim, defende que uma das funções das agências educativas – a escola – é formar o aluno para o auto-governo intelectual.

Tal forma de conceber a educação coaduna-se, em nosso entender, com a posição de todos aqueles que defendem o papel da educação no desenvolvimento da autonomia do indivíduo, a exemplo de Duarte (2001), para quem: “A educação deve preparar o indivíduo para acompanhar a sociedade em acelerado processo de mudança, bem como deve estar inserida de maneira funcional na vida do indivíduo”.

Segundo Moroz (1993), Skinner defende que, para ser eficaz, o ensino deve ser uma ação planejada, tanto em termos de definição de comportamentos a serem estabelecidos, quanto em termos das condições ambientais necessárias ao seu estabelecimento.

Na reflexão sobre o posicionamento de Skinner sobre a educação, Moroz salienta que Skinner faz referência à, dentre outras, duas falhas da escola: os objetivos a serem atingidos não são claramente definidos e não se aplicam métodos de aprendizagem que respeitem o repertório e o ritmo de cada aluno.

Para uma atuação eficiente no ensino, segundo Skinner, espera-se que o professor seja capaz de explicitar os objetivos em termos comportamentais, de propor e executar procedimentos de ensino e de avaliar os processos de ensino e

aprendizagem. Isto é o que Skinner chama de planejamento de contingências de ensino.

O professor, conhecendo as situações mais adequadas de ensino, as coloca como referência aos alunos, de forma a alterar o seu comportamento frente às situações, levando-o a comportar-se de maneira eficiente, diferente de como o fazia antes do processo de ensino. Neste sentido, o professor deve estabelecer quais as mudanças relevantes a serem produzidas na atuação do aluno. Assim, deve estabelecer objetivos claros, em termos dos comportamentos que devem ser alterados, tanto os relativos à transmissão do conhecimento, quanto os comportamentos identificados como auto-governo.

Luna (1999), citando as contribuições de Skinner para a educação, esclarece que embora Skinner não tenha apresentado uma proposta sistematizada de formação de professor, suas obras sobre educação colocam a importância do professor no planejamento da aprendizagem e de suas condições. Pontua, ainda, que o professor apresenta dificuldades em estabelecer objetivos claros e em propor ações pedagógicas que favoreçam a aprendizagem.

A questão central que pode ser extraída das análises de Skinner sobre o professor diz respeito à sua (in)capacidade de descrever o que o aluno faz, o que ele deveria fazer (em relação aos objetivos) e como se precisaria rever os procedimentos para facilitar a sua aprendizagem. Desse ponto de vista, se o aluno não aprende, a responsabilidade é do professor. (LUNA, 1999, p. 144)

De fato, uma das dificuldades do professor é a de estabelecer os objetivos a serem atingidos pelo aluno, conforme detectado por pesquisa realizada por Kita (2004), com professores de Química do Ensino Médio.

Para formular os objetivos e propor os procedimentos de ensino adequados, o professor deve ter domínio sobre conhecimentos específicos da disciplina que ministra e, também, sobre o processo ensino – aprendizagem. Fazendo referência ainda à formação de professores, Zanotto salienta estes dois pontos como requisitos necessários ao professor, ao afirmar:

Do mesmo modo como a definição dos objetivos do ensino requer do professor um conhecimento dos assuntos ou matérias a ensinar, o planejamento de procedimentos eficientes de ensino, adequados aos objetivos propostos, também coloca, na concepção de Skinner, a necessidade de aquisição, pelo professor, de determinados conhecimentos sobre os processos de aprender e de ensinar, com implicações específicas para a sua formação. (ZANOTTO, 2000, p. 127)

Além da proposição dos objetivos, Zanotto destaca a importância da seleção dos procedimentos para que ocorra um ensino eficaz. A seleção dos procedimentos é precedida:

... pela explicitação precisa daquilo que se quer ensinar; por um conhecimento, mesmo que parcial, sobre quem vai ser ensinado e pela caracterização de alguns aspectos do ambiente em que o ensino se processa e que podem contribuir ou dificultar o trabalho de ensinar. (ZANOTTO, 2000, p. 62)

Estes aspectos, tomando como referência a análise do comportamento, ajudam na solução de problemas com os quais os professores se deparam em sala de aula.

O professor também precisa conhecer quem vai ser ensinado, ou seja, ele precisa identificar o repertório comportamental dos seus alunos e a sua suscetibilidade aos reforçadores disponíveis na situação. Para Skinner o ensino deve partir do repertório do aluno. Em outras palavras, o planejamento envolve como passo fundamental, o conhecimento dos indivíduos que serão o foco da ação docente. Com isso pode elaborar procedimentos de ensino que considerem o ritmo de cada aluno, "... a desconsideração das diferenças entre os alunos é talvez a maior fonte individual de ineficiência na educação" (SKINNER, 1972, p.231).

Assim, quando falamos em conhecer cada aluno e suas diferenças, referimo-nos à identificação de comportamentos já disponíveis nos repertórios dos alunos e que servirão de ponto de partida para o ensino de novos comportamentos. Além disso, Zanotto (2000, p. 69) destaca:

Conhecer o aluno a quem vai ensinar e as diferenças entre eles significa, também, que o professor deve ser capaz de identificar as suscetibilidades peculiares de seus alunos aos reforçadores, naturais ou arbitrários, positivos ou negativos, disponíveis na sala de aula.

O professor, ao ter clareza do que deve ser ensinado, isto é, ao ter uma descrição nítida do comportamento que quer ensinar, e tendo conhecimento do aluno com quem vai trabalhar, tem melhores condições para planejar procedimentos de ensino mais eficazes. Por exemplo, decidir o que fazer na sala de aula, escolher material adequado, propor atividades que promovam o engajamento do aluno, orientar

e acompanhar o trabalho deles, dar instruções e avaliá-los, são tarefas que o professor realiza de maneira mais adequada quando tem explícito o que quer ensinar.

Sabe-se que o número de alunos nas salas de aula é grande, bem como a diversidade de repertórios comportamentais. No entanto, a dificuldade da tarefa de identificar e analisar os repertórios comportamentais dos alunos e as diferenças significativas entre eles, não torna essa tarefa dispensável.

Zanotto (2000), salientando a definição proposta por Skinner de que comportamento operante é a relação entre uma resposta, as condições propícias à sua emissão e as conseqüências por ela produzidas, afirma que mudanças em qualquer um dos termos dessa relação significam comportamento novo “(...) ao ensinar queremos que o aluno aprenda comportamentos novos que ele não possui em seu repertório, ou que possui sob formas inadequadas.” (ZANOTTO, 2000, p. 77- 78)

Segundo Zanotto (2000), para um procedimento de ensino ser mais eficaz é necessário que o professor identifique como atuar sobre as respostas emitidas pelo aluno, como fornecer os estímulos antecedentes e como atuar em relação aos estímulos conseqüentes.

Quanto aos procedimentos de ensino que atuam sobre as respostas emitidas, a modelagem por reforçamento diferencial de respostas que aos poucos se aproximam da resposta esperada é um procedimento básico. O professor, em contraposição a esperar que a resposta esperada simplesmente ocorra, parte de outras respostas já aprendidas pelo aluno, adotando procedimentos que lhe possibilitem construir nova resposta. Reforçam-se algumas respostas e outras não, isto é, no reforçamento diferencial “(...) as respostas reforçadas são aquelas que se aproximam, cada vez mais, do comportamento esperado”. (ZANOTTO, 2000, p.79). O professor deve

distinguir pequenas alterações nas respostas emitidas pelo aluno, estabelecendo critérios pelos quais reforçará ou não certas respostas. Percebe-se, portanto, a noção de comportamento como processo fluido e contínuo, no qual o professor interfere com sua modelagem.

O professor também deve considerar os procedimentos de ensino que fornecem os estímulos antecedentes, como modelos a imitar ou o uso de instruções que induzem o aluno a emitir uma resposta. Complementarmente, é importante o uso do reforçamento diferencial das respostas para levar o aluno a discriminar os aspectos sutis do comportamento a ser imitado (modelo) ou do produto a imitar.

O uso de instruções é, especialmente, relevante no ensino, pois é comportamento verbal, o qual possibilita aos homens transmitirem suas experiências e assim se beneficiarem do que outros já aprenderam. Em ambos os casos – imitação e instruções – é necessário que o professor construa estratégias de ensino para tornar o estímulo indutor cada vez mais fraco, até torná-lo desnecessário. Em outras palavras, é importante enfatizar a necessidade de retirada gradual desses estímulos indutores, para que outros estímulos existentes na própria realidade passem a induzir a resposta.

Completando a discussão sobre os procedimentos de ensino, é fundamental que o professor atue de forma eficiente quando liberar as conseqüências. As conseqüências são responsáveis pela aquisição e manutenção do comportamento aprendido e, no ensino, Skinner defende que o reforçamento seja contingente à resposta. Sobre isso Zanotto (2000, p.88) diz:

É na maneira pela qual as conseqüências reforçadoras são tornadas contingentes ao comportamento do aluno que está a possibilidade de ensiná-lo de modo a aumentar a probabilidade de que comportamentos aprendidos se mantenham fortalecidos.

Se o ensino for planejado conforme exposto até o momento, maior probabilidade existe de responder a uma outra condição proposta por Skinner: a de promover o ensino de forma positivamente reforçadora. Quando discute a educação, Skinner (1972) aponta não só que as práticas tradicionalmente utilizadas na educação negligenciam o método e não incorporam tecnologia ao ensino, mas também utilizam controle aversivo. Como exemplificado pelo autor, as contingências aversivas variam desde a frustração do aluno gerada por tentativas e erros pela ineficiência e ausência de ensino propriamente dito, até a utilização de controle coercitivo (punição e reforço negativo nas suas mais diversas variações), aspectos comuns no cotidiano escolar. Skinner posiciona-se sistematicamente contra o uso de contingências aversivas, defendendo que o ensino deve ocorrer em um ambiente positivamente reforçador.

Complementando as ações do professor para um ensino eficiente, cabe destacar o papel da avaliação. O professor deve acompanhar o desempenho do aluno verificando se as modificações comportamentais que apresenta são as esperadas; é pela avaliação que verifica se os objetivos foram atingidos.

A avaliação, no entanto, não se refere apenas ao desempenho do aluno, mas deve envolver o próprio processo de ensino, portanto, a própria atuação do professor. Como afirma Zanotto (2000, p. 125):

Avaliar o aluno requer avaliar as condições oferecidas a ele para aprender, inclusive o comportamento do próprio professor, passando a avaliação a se constituir, ela mesma, como uma condição adicional que possibilita ao professor rever e replanejar as contingências de ensino disponíveis.



A avaliação do aluno deve se constituir em um instrumento do docente ao possibilitar ao professor condições de avaliar e rever a sua própria prática pedagógica.

Para finalizar, parafraseando Zanotto (2000), fica evidente a preocupação de Skinner com a construção de uma ciência que, a partir da identificação dos determinantes do comportamento, possibilite a transformação das condições responsáveis por sua ocorrência; no caso da educação, tal identificação promoveria um ensino eficiente.

### **3 A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM HOTELARIA**

Na última década, o Brasil tem recebido investimentos na construção e reformulação dos meios de hospedagem situados nas mais diversas regiões brasileiras, pois houve um interesse tanto pelo turismo de negócios em grandes centros urbanos e cidades menores que possuíam potencial para os negócios, como nas localidades cujas belezas naturais podiam ser exploradas pelo turismo de lazer.

Face às perspectivas de crescimento do setor hoteleiro e, conseqüentemente, da necessidade de profissionalização dos serviços e mão-de-obra, o sistema de ensino superior brasileiro vislumbrou a oportunidade que se apresentava para oferecer cursos que preparassem os recursos humanos indispensáveis a essa nova situação.

Os cursos com formação em hotelaria tiveram crescimento bastante significativo, principalmente nos anos de 1998 a 2004. Chamam a atenção pela variedade de nomenclaturas que as Instituições de Ensino Superior (IES) utilizam para a sua denominação. Existem cursos de Hotelaria, Administração com Habilitação em Hotelaria, Turismo e Hotelaria, Turismo com Ênfase em Hotelaria e Tecnologia em Hotelaria. Esses cursos dividem-se entre cursos de bacharelado e cursos de tecnologia.

Os cursos superiores de tecnologia, de acordo com as considerações do parecer CNE/CES nº. 436/2001, integram-se à educação superior na área de tecnologia, no entanto, apresentam características distintas dos cursos tradicionais, pois são estruturados para atender determinados setores da economia. Em tais cursos, a formação profissionalizante é relativa a áreas especializadas e conduz ao diploma de

tecnólogo. Apresenta duração menor que os demais cursos de graduação, tendo, em média, dois anos. Como pré-requisito, o candidato deverá ter concluído o ensino médio ou equivalente.

Em 2002, segundo o INEP (BRASIL, 2004), os cursos superiores de Tecnologia em Hotelaria receberam 1.808 matrículas no Brasil, alcançando o 5º lugar dos cursos mais procurados nessa modalidade. É importante ressaltar que, os cursos de tecnologia demandam um investimento maior na sua implantação em razão da necessidade de laboratórios para as atividades práticas.

Como qualquer indústria, a hotelaria possui características organizacionais próprias, exigindo do profissional da área, formação especializada para todos os níveis de ocupações que compõem a estrutura organizacional de um hotel.

Diante de tal cenário, a noção de qualificação para um posto de trabalho ou para um emprego fixo está sendo substituída pela noção de competência profissional.

De acordo com Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Tecnológico, entende-se por competência profissional:

A capacidade de o profissional mobilizar, articular e colocar em ação conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas tanto pela natureza do trabalho, quanto pelo desenvolvimento tecnológico (PARECER CNE/CP nº 29/2002)

Esse conceito está presente no Projeto Pedagógico do curso e implica em um profissional que age de forma intencional, isto é, que sabe por que se faz de uma maneira e não de outra, e que conhece múltiplas formas ou modos de fazer. Este

conceito de competência amplia a responsabilidade das instituições de ensino na organização dos currículos de Educação Profissional, à medida que exige a inclusão, entre outros, de novos conteúdos, novas formas de organização do trabalho, incorporação dos conhecimentos adquiridos na prática, de metodologias que propiciem ao aluno o desenvolvimento da capacidade para resolver problemas novos, comunicar idéias, tomar decisões, ter iniciativa, ser criativo e ter autonomia intelectual, num contexto de respeito às regras de convivência democrática.

Dessa forma, a integração gradativa e contínua de conteúdos - representados por técnicas de trabalho, conhecimentos especializados e gerais, atitudes, hábitos e valores éticos - capacita o tecnólogo para o desempenho eficiente da sua profissão.

O perfil desejado do formando em hotelaria, apresentado pelas Diretrizes Curriculares é de um profissional apto a atuar na gestão e administração de negócios em hotelaria, antevendo as mudanças na vida social, econômica, política empresarial e organizacional e os possíveis impactos que tais transformações podem provocar na conjuntura e funcionamento do negócio.

Com base no Projeto Pedagógico do Curso (2006, p. 40), segue-se a descrição do perfil do egresso do curso superior de Tecnologia em Hotelaria, que deverá ser capaz de:

- Conceber e programar serviços a serem ofertados ao hóspede dos diferentes meios de hospedagem, conforme demandas identificadas.
- Executar, promover, e/ou comercializar serviços ofertados nos variados meios de hospedagem.
- Organizar meios e recursos humanos, técnicos, financeiros para prestação dos serviços programados.

- Coordenar a prestação dos serviços de hotelaria: hospedagem, alimentos e bebidas e eventos.
- Orientar investidores potenciais e efetivos na adequação/readequação de espaços, equipamentos e serviços hoteleiros.
- Coordenar recursos institucionais, financeiros, patrimoniais e materiais, suprimento, segurança pessoal e patrimonial e serviços auxiliares e de apoio em empresas de hotelaria e similares.
- Exercer funções de assistência à gerência e, de acordo com o porte do empreendimento, atividades gerenciais.
- Agir com flexibilidade, adaptabilidade, criatividade e crítica na solução de problemas e desafios organizacionais.
- Colaborar no desenvolvimento de estudos de viabilidade econômica, financeira e social para sua execução de projetos.
- Colaborar na implementação de empreendimentos hoteleiros a partir de leitura e interpretação de dados e pesquisas geopolíticas.
- Compreender e avaliar as mudanças sociais e ambientais decorrentes de novas tecnologias de forma que permita a integração com a comunidade.
- Articular componentes da hospitalidade em execução de projetos.
- Buscar o aperfeiçoamento contínuo, tendo em vista as necessidades do mundo globalizado em constante mudança.

Para a formação desse perfil profissional, o projeto pedagógico apresenta-se bastante flexível para permitir uma sólida formação interdisciplinar, com conhecimentos da área de ciências humanas, além dos conhecimentos técnicos específicos. A seguir apresenta-se a grade curricular do curso:

Tabela 1 – Estrutura Curricular do Curso Superior de Tecnologia em Hotelaria

Período	Componente Curricular (disciplina)	C. H. (hora/aula)
1º	Administração Aplicada à Hotelaria	54
	Comunicação	54
	Economia Geral e do Turismo	36
	Fundamentos do Turismo e da Hospitalidade	54
	Inglês Instrumental	54
	<b>Laboratório de Cozinha</b>	54
	<b>Laboratório de Governança</b>	36
	<b>Laboratório de Recepção</b>	36
	<b>Laboratório de Sala e Bar</b>	36
	Sociologia	36
	Prática Profissional I	132
	Atividades Complementares	36
	2º	Estruturas e Processos Administrativos
Estudos de Bebidas e Bares		54
Filosofia		36
Inglês Aplicado		54
Lazer e Recreação		36
Metodologia da Pesquisa		36
Operações de Alimentos e Bebidas		54
Operações de Hospedagem		72
Psicologia do Trabalho		54
Prática Profissional II		72
Atividades Complementares		36
3º	Gestão de Alimentos e Bebidas I	54
	Gestão de Hospedagem I	54
	Captação e Organização de Eventos em Hotelaria	54
	Controles Gerenciais Hoteleiros	72
	Desenvolvimento de Projetos Hoteleiros	72
	Legislação Turística e Ambiental	36
	Marketing	36
	Matemática Financeira	54
	Métodos Quantitativos	36
	Atividades Complementares	36
4º	Análise Financeira	54
	Gestão de Alimentos e Bebidas II	54
	Gestão de Hospedagem II	54
	Gestão de Pessoas	72
	Planejamento Físico de Hotéis	72
	Planejamento Mercadológico	54
	Sistemas de Informação	54
	Conservação e Manutenção Patrimonial	54
	Atividades Complementares	36
	Estágio Supervisionado (deverá ser realizado a partir do 3º Período e concluído até o final do 4º Período)	240
	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL</b>	<b>2442</b>

Como citado anteriormente, o Projeto Pedagógico deste curso de Hotelaria propõe o aluno como sujeito do processo de aprendizagem. Espera-se que o docente atue como mediador da aprendizagem, partindo do conhecimento prévio dos alunos, o qual deverá ser articulado com o conteúdo da disciplina a ser ensinada. As práticas pedagógicas utilizadas devem disponibilizar os conhecimentos teóricos, científicos, técnicos e tecnológicos, da área de hotelaria para os alunos através de situações de aprendizagem oferecidas de forma contextualizada pela realidade hoteleira, estimulando a pesquisa, a descoberta e a construção de habilidades e valores coerentes com a atuação profissional em hotelaria. Propõe-se que as aulas transcorram de maneira participativa e interativa, entre os alunos, interações que deverão ser mediadas pelos docentes, criando-se simulações individuais ou em grupo e discussões.

Apresenta-se, a seguir, um breve relato da proposta pedagógica do curso, com a descrição dos projetos interdisciplinares que são desenvolvidos nos quatro semestres, bem como das disciplinas práticas.

Os alunos desenvolvem projetos interdisciplinares nos dois anos de curso – totalizando quatro semestres – como forma de levá-los a conhecer a realidade estrutural e operacional dos equipamentos hoteleiros. Em todos os semestres, os trabalhos são realizados em grupo de três a cinco pessoas.

No 1º semestre do Curso é desenvolvido o projeto interdisciplinar “Operações Hoteleiras” que têm por objetivos levar o aluno a identificar os diversos segmentos da hospitalidade, seu funcionamento e a sua estrutura, e a adequar as características desses diversos segmentos a um contexto hoteleiro específico.

A proposta deste primeiro projeto é um “estudo de caso” de um meio de hospedagem, e, para tanto, o aluno escolhe o estabelecimento que será seu objeto de estudo. Neste primeiro projeto interdisciplinar, focalizam-se as especificidades dos diferentes segmentos hoteleiros abordando, de maneira prática, grande parte dos conteúdos trabalhados em sala de aula. No projeto Operações Hoteleiras é solicitado aos alunos, que realizem visitas ao local, objeto de estudo, para conceituação de tal meio de hospedagem, descrição do público alvo que o frequenta, levantamento das características econômicas e vias de acesso da região, descrição da estrutura organizacional e de seu funcionamento. Para a execução dessas atividades há o acompanhamento dos professores das disciplinas envolvidas neste projeto interdisciplinar. São elas: Administração Aplicada à Hotelaria, Comunicação, Economia Geral e do Turismo, Fundamentos do Turismo e da Hotelaria, Inglês Instrumental e Sociologia. As disciplinas práticas Laboratório de Cozinha, Laboratório de Governança, Laboratório de Recepção, Laboratório de Sala e Bar, têm foco prático e, desta forma, atuam no projeto de forma indireta.

No 2º semestre é realizado o Projeto Interdisciplinar “Análise Crítica Operacional”. Neste projeto o aluno, partindo do trabalho realizado no semestre anterior, tem o objetivo de identificar os pontos críticos (entraves) das operações hoteleiras, com ênfase nas relações interpessoais, e, para tanto, devem realizar um conjunto de atividades: entrevista com o gerente do estabelecimento para identificar o perfil do profissional pretendido àquele segmento em estudo; realização do levantamento das necessidades e desejos do público alvo; levantamento do perfil dos hóspedes; observação das relações interpessoais e de como o trabalho em equipe é desenvolvido; descrição dos fluxos administrativos e financeiros; identificação do fluxo



das operações hoteleiras entre os setores do meio de hospedagem pesquisado e, finalmente, levantamento de sugestões e propostas de melhorias. Para o desenvolvimento de tais atividades, são trabalhados os conteúdos pelas disciplinas envolvidas neste projeto, quais sejam: Inglês, Estrutura e Processos Administrativos, Psicologia, Filosofia, Estudo de Bebidas e Bares, Lazer e Recreação, Operações de Alimentos e Bebidas, Operações de Hospedagem e Metodologia Científica.

No 3º semestre do Curso, os alunos realizam o Projeto Interdisciplinar “Desenvolvimento de Projetos Hoteleiros”. Neste semestre, o aluno realizará o estudo de viabilidade para implantação de um meio de hospedagem. Os alunos deverão fazer o estudo de viabilidade de um empreendimento hoteleiro com a realização das seguintes atividades: definição do produto; levantamento dos aspectos legais pertinentes à localização escolhida; levantamento contábil financeiro; verificação das tendências de mercado; identificação da dinâmica do mercado pretendido para o estudo; análise da oferta e da demanda da concorrência; identificação dos tipos de eventos e respectivas possibilidades de negócio para o mercado hoteleiro; dimensionamento do empreendimento e da mão de obra, levando em conta as leis voltadas para o meio ambiente. As disciplinas envolvidas neste projeto são: Desenvolvimento de Projetos Hoteleiros, Legislação, Controles Gerenciais Hoteleiros, Gestão de Hospedagem I, Gestão de Alimentos e Bebidas I, Marketing, Matemática Financeira, Métodos Quantitativos e Eventos.

No 4º semestre desenvolve-se o último projeto interdisciplinar do curso “Implantando um meio de hospedagem”. Neste projeto, o aluno, dando continuidade ao trabalho realizado no período anterior, deve projetar e estruturar a implantação de um empreendimento hoteleiro, realizando as seguintes atividades: explicitação das

necessidades de mercado; levantamento dos diferenciais do produto hoteleiro; projeção da estrutura física; descrição das políticas comerciais; desenvolvimento e aplicação dos conceitos operacionais e administrativos dos setores de hospedagem e alimento e bebidas; planejamento e controle dos processos de controles gerenciais do empreendimento; identificação dos processos de organização patrimonial e de administração dos serviços de manutenção do empreendimento; aplicação das ferramentas de marketing; dimensionamento e descrição do perfil dos colaboradores. As disciplinas diretamente envolvidas no desenvolvimento deste projeto são: Planejamento Físico de Hotéis, Gestão de Pessoas, Gestão de Hospedagem II, Planejamento Mercadológico, Conservação e Manutenção Patrimonial, Análise Financeira, Gestão de Alimentos e Bebidas II e Sistemas de Informação.

Existem algumas características que são comuns aos projetos desenvolvidos nos diferentes períodos, quais sejam: os projetos são interdisciplinares; são desenvolvidos em grupo; envolvem pesquisas de campo para coleta das informações; exigem que os alunos recorram aos conteúdos das disciplinas estudadas não apenas no próprio semestre, mas também nas dos semestres anteriores. Ao final de cada semestre, os grupos apresentam um trabalho escrito e fazem uma apresentação para os professores e para os colegas de classe.

Ressalta-se também que os alunos desenvolvem as disciplinas de prática profissional I e prática profissional II, no primeiro e no segundo semestres sendo esta realizada no hotel-escola. Esta disciplina visa possibilitar ao aluno a vivência prática operacional de diversos setores do empreendimento hoteleiro, levando-o a dominar as técnicas de operacionalização dos seguintes setores: hospedagem, alimentos e bebidas, lazer e eventos, almoxarifado, controle e atendimento ao hóspede. Nestes

setores há um monitor que orienta e acompanha os alunos nas atividades a serem desenvolvidas. Ainda prevê-se, pela grade curricular, que os alunos também realizem estágio curricular obrigatório de 240 horas aula, a partir do terceiro semestre do curso.

As práticas pedagógicas aplicadas nas disciplinas práticas do 1º semestre serão o foco deste estudo, pois nelas são desenvolvidas habilidades necessárias ao profissional da área de hotelaria.

Espera-se que o professor faça o planejamento do ensino propondo objetivos de forma clara, pois isto dirige a sua atuação no processo ensino aprendizagem, de modo a promover a aprendizagem do aluno e que a avaliação seja um instrumento não apenas de avaliação do desempenho do aluno, mas também para auxiliar no replanejamento do ensino.

Nesta proposta curricular exige-se que o aluno seja ativo e participativo, pois deverá atuar em equipe no desenvolvimento dos projetos e das aulas práticas. Estes aspectos referentes ao que se espera do aluno são constantemente abordados nas reuniões pedagógicas de acompanhamento.

#### **4 O CENTRO UNIVERSITÁRIO SENAC**

Com sessenta anos de atuação na área educacional, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) de São Paulo, mantenedor do Centro Universitário Senac, tornou-se reconhecido nacional e internacionalmente por implantar projetos e programas marcados pela diversidade, inovação e contemporaneidade, dentre eles o curso superior de Tecnologia em Hotelaria.

De acordo com o planejamento estratégico proposto para a década de 2001 – 2010, o Senac São Paulo tem como missão proporcionar o desenvolvimento de pessoas e organizações para a sociedade do conhecimento, por meio de ações educacionais comprometidas com a responsabilidade social.

Tal missão tem se desenvolvido ao longo de suas seis décadas de atuação nos campos educacional, social e cultural, representando um claro compromisso do empresariado do comércio e do setor de serviços com ações educativas voltadas para o trabalho, em sintonia com as demandas da sociedade e em dia com as constantes transformações tecnológicas. Além disso, a instituição tem como meta ser reconhecida como referência educacional e do terceiro setor.

Além de promover ações consistentes de apoio a pessoas e a organizações, a instituição procura antecipar-se às demandas da sociedade, prospectando as necessidades do atual mercado de trabalho, o que permite ampliar o potencial de empregabilidade e desenvolver o perfil empreendedor de seus estudantes.

Desde a segunda metade do século XX, a educação – em especial a formação profissional em nível superior – ganhou relevância nos discursos de todas as áreas, como prioridade em termos da garantia de crescimento econômico e desenvolvimento social do Brasil. Em sintonia com o momento de expansão da formação em nível superior e com a sua vocação, a instituição decidiu ampliar seu espaço no âmbito desse nível de ensino, na década de 1990, buscando expandir suas atividades de graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão.

No Centro Universitário Senac existem, atualmente, 17 cursos superiores de graduação. São eles: Tecnologia em Hotelaria, Tecnologia em Gastronomia, Bacharelado em Hotelaria, Bacharelado em Turismo, Bacharelado em Ciências da Computação, Bacharelado em Sistemas de Informação, Bacharelado em Audiovisual, Bacharelado em Design – Habilitação em Comunicação Visual, Bacharelado em Design – Habilitação em Design Industrial, Bacharelado em Design – Habilitação em Interface Digital, Bacharelado em Design Gráfico, Bacharelado em Fotografia, Tecnologia em Design Multimídia, Bacharelado em Gestão Ambiental, Engenharia Ambiental, Bacharelado em Design de Moda – Habilitação em Estilismo, Bacharelado em Design de Moda – Habilitação em Modelagem.

O Curso Superior de Tecnologia em Hotelaria foi o primeiro curso superior da instituição, com início em 1989, na cidade de São Paulo. Em 1969, o SENAC recebeu a concessão do primeiro hotel escola do Estado de São Paulo o “Grande Hotel – Hotel Escola SENAC de Águas de São Pedro” e em 1998, com a inauguração do segundo hotel escola o “Grande Hotel – Hotel Escola SENAC de Campos do Jordão”, iniciaram-se as atividades acadêmicas do curso superior de Tecnologia em Hotelaria na cidade

de Campos do Jordão, curso oferecido, também, na cidade de Águas de São Pedro, desde 1996.

Houve a preocupação de realizar levantamentos no mercado hoteleiro do país para saber como era composto o quadro ocupacional dos locais de trabalho, os perfis das ocupações, as necessidades de treinamento e de formação para esses profissionais. Após esse mapeamento e um estudo da legislação educacional brasileira vigente na época, um grupo de profissionais da área estabeleceu a proposta educacional do curso, bem como os conhecimentos necessários para atingir os objetivos e as necessidades do mercado.

O conhecimento que fundamentou a proposta do curso superior “Tecnologia em Hotelaria” foi realizado de forma a garantir ao aluno o direito de estar em constante desenvolvimento na sua vida produtiva e social.

As diretrizes que nortearam o projeto pedagógico têm como eixo essencial o aluno em sua individualidade, ou seja, uma preocupação com suas atitudes, com a qualidade do trabalho, a ética, a convivência participativa e a prática da responsabilidade social no âmbito da convivência humana.

No atual contexto do mundo do trabalho, em que se assiste a contínuas e profundas transformações sociais geradas pela rapidez das informações e dos avanços tecnológicos, verifica-se a necessidade de uma educação profissional que proporcione o desenvolvimento de competências no âmbito tanto profissional quanto pessoal. Para isso, a formação deverá ocorrer de forma contínua e contextualizada com as realidades econômica, política, social e ambiental do mundo em que vivemos. Surgindo como a resposta do setor educacional às necessidades e demandas da sociedade brasileira, os

cursos superiores de Tecnologia deverão contemplar os fundamentos da tecnologia e criar, adaptar, organizar e produzir novos conhecimentos para a atuação do futuro profissional. Eles deverão focar a aplicação e o desenvolvimento da pesquisa, a gestão de processos de produção de bens e serviços e o espírito empreendedor. A organização curricular do curso superior de Tecnologia em Hotelaria foi adaptada para atender às exigências da legislação vigente para a educação profissional de nível tecnológico.

Os currículos são estruturados em função das competências a serem adquiridas e das necessidades oriundas do mundo do trabalho. O objetivo é o de capacitar o estudante para o desenvolvimento das competências profissionais que traduzam na aplicação, no desenvolvimento e na difusão de tecnologias, na gestão de processos de produção de bens e serviços e na criação de condições para articular, mobilizar e colocar em ação conhecimentos, habilidades, valores e atitudes, para responder aos desafios e requerimentos do mundo do trabalho.

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como já salientado, o objetivo deste trabalho é conhecer a prática docente de professores que atuam em cursos de formação de profissionais em hotelaria. Pretende-se investigar como os professores das chamadas disciplinas práticas desenvolvem suas práticas pedagógicas, identificando facilidades e dificuldades que encontram no processo de ensino para, posteriormente, apresentar algumas propostas para futuras intervenções que visem à superação das dificuldades detectadas. Optou-se por acompanhar as aulas de professores de disciplinas práticas, a fim de identificar, na formação inicial do aluno, como os conhecimentos práticos são desenvolvidos em sala de aula, uma vez que esta é uma característica importante no perfil de formação do aluno de hotelaria.

A seguir será apresentada a faculdade onde a pesquisa foi realizada, bem como os sujeitos envolvidos neste estudo.

A coleta dos dados foi realizada no Centro Universitário Senac – *Campus* Campos do Jordão, no curso superior de Tecnologia em Hotelaria. O Centro Universitário SENAC – *Campus* Campos do Jordão tem atendido um público oriundo não somente da cidade de Campos do Jordão, como também atende à população que compõe as cidades do Vale do Paraíba, Sul de Minas e região do Litoral Norte paulista. A rede hoteleira, disponibilizada na cidade de Campos do Jordão, está representada por hotéis de várias categorias e diversos segmentos turísticos, além de pousadas de diversos graus de sofisticação, indo das mais simples às consideradas de super luxo.



O curso de Tecnologia em Hotelaria conta com aproximadamente cento e vinte alunos distribuídos em quatro turmas, sendo duas no período matutino e duas no período vespertino. O corpo docente deste curso é composto por vinte e três professores. A grade curricular do curso envolve 43 disciplinas, distribuídas em quatro semestres, sendo que as denominadas *disciplinas práticas* acontecem no primeiro semestre do curso. Assim, o aluno do curso de Tecnologia em Hotelaria, ao iniciar o curso, entra em contato com tais disciplinas.

Participaram do presente estudo, quatro professores de disciplinas práticas que ministram aulas para uma turma do período vespertino. As disciplinas práticas são as de Laboratório de Recepção, Laboratório de Governança, Laboratório de Sala e Bar e Laboratório de Cozinha. As aulas de tais disciplinas são ministradas para uma turma de trinta e cinco alunos. Nas aulas práticas os alunos são divididos em dois grupos, em função da estrutura física dos laboratórios. Assim, foram observadas turmas de dezessete e dezoito alunos.

A seguir, algumas informações sobre os professores que atuaram como sujeitos desta pesquisa. Os dados dos professores apresentam-se no Quadro 1. Adotaremos a seguinte nomenclatura para identificação dos professores: PA, PC, PM, PS.

Quatro 1 – Características dos sujeitos

Professor	Disciplinas que ministram	Tempo de docência	Experiência profissional	Graduação	Curso após a graduação
PA	-Laboratório de Sala e Bar -Estudos de Bebidas e Bares Captação e Organização de Eventos em Hotelaria -Gestão de Alimentos e Bebidas II	5 anos	10 anos	Hotelaria	Pós Graduação <i>Lato Sensu</i> em Gestão de negócios em serviços de alimentação
PC	-Laboratório de Governança -Operações de Hospedagem -Gestão de Hospedagem I	5 anos	5 anos	Hotelaria	Pós Graduação <i>Lato Sensu</i> em Gestão Educacional Pós Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Ciências Ambientais (cursando)
PM	-Laboratório de Recepção Desenvolvimento de Projetos Hoteleiros	6 anos	15 anos	Hotelaria	Pós Graduação <i>Lato Sensu</i> em Planejamento e Marketing Turístico Pós Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Qualidade e Produtividade (Cursando)
PS	-Laboratório de Cozinha -Operações de Alimentos e Bebidas	2 anos	3 anos	Hotelaria	---

Como pode ser observado no Quadro 1, PA é docente de quatro disciplinas, possui experiência de dez anos na área profissional, muito embora atue na docência há menos tempo, no caso cinco anos. Sua formação está diretamente relacionada à sua área de atuação, já que se formou em Hotelaria e fez especialização em área relacionada à alimentação.

PC, docente de disciplinas na área de hospedagem, possui experiência profissional de cinco anos e atua na docência também há cinco anos. Embora possua formação em Hotelaria, sua formação em nível de pós-graduação é mais abrangente. Ingressou no mestrado *stricto-sensu* neste semestre.

PM, docente de duas disciplinas, possui experiência profissional de quinze anos e na docência atua há seis anos. Também apresenta formação diretamente relacionada à sua área de atuação, pois se formou em Hotelaria e fez pós-graduação na área hoteleira. Ingressou no mestrado *stricto-sensu*, também diretamente relacionado à área hoteleira, no segundo semestre de 2005.

PS, docente de duas disciplinas, se diferencia do grupo por ser o mais inexperiente, já que possui experiência profissional de apenas três anos, atuando na docência há dois anos. Também se diferencia por apresentar apenas graduação em hotelaria. Ainda não realizou cursos após sua graduação, o que é compreensível, uma vez está que formado há apenas três anos.

Pode-se dizer que é um grupo com formação específica na área, sendo que três deles deram continuidade aos seus estudos, cursando pós-graduação nas áreas de atuação e apenas um possui somente a graduação. Quanto à experiência profissional, destacam-se dois professores com mais de dez anos de atuação no mercado hoteleiro.

Quanto ao tempo de docência verifica-se uma variação entre dois e seis anos. Vale ressaltar que as experiências profissional e docente, citadas acima, são na área de hotelaria.

### **5.1 Procedimento de coleta de dados**

No final do segundo semestre de 2005, iniciou-se o processo de contato com os professores do curso, os quais pretendia-se ter como sujeitos desta pesquisa. Ao serem consultados, todos se mostraram dispostos a contribuir não havendo, assim, dificuldades para a obtenção do aceite para participar da presente pesquisa. Como atuou na coordenação deste curso de Tecnologia em Hotelaria há cinco anos, este foi um fator que muito provavelmente contribuiu para o acesso que tive ao contexto de sala de aula. No início do primeiro semestre de 2006, deu-se início ao procedimento de coleta dos dados, já com a autorização dos professores envolvidos. Na primeira semana de aula, foram freqüentadas as aulas com a finalidade de ocorrer a familiarização entre a pesquisadora e a turma. Inicialmente, expliquei aos alunos qual seria o papel da pesquisadora nas aulas práticas, durante todo o semestre letivo. Expliquei-lhes que, durante as aulas, seria observada a atuação dos professores, sistematicamente, com a finalidade de identificar como desenvolvem suas práticas educativas para, posteriormente, propor intervenções para melhoria no processo de ensino-aprendizagem.

No primeiro dia de observação, alguns alunos mostraram-se curiosos com a minha presença na sala de aula, pois, como pesquisadora, ficava observando e realizando anotações. Os alunos perguntaram o que eu anotava e para quê. Mostrei e expliquei, novamente, o porquê da minha presença. A partir do segundo dia de observação, minha presença como observadora foi se tornando parte do contexto da sala, já que os alunos não mais se dirigiam a mim, nem mesmo me olhando e realizavam as atividades que eram propostas pelo docente.

Quanto aos professores, pude perceber, também, que na primeira aula, demonstravam certa preocupação com minha presença, nem sempre direcionando sua atenção para os alunos porém, após a segunda aula, minha figura como pesquisadora parecia já estar se integrando no contexto do grupo, o que de fato ocorreu, já que minha presença não mais controlava o comportamento do professor e do grupo classe. E, assim, as observações transcorreram, sem problemas até o final. Vale dizer que os dados coletados nesta primeira semana de aula não foram utilizados.

A coleta dos dados foi feita através de observação. A observação é um procedimento que possibilita ao observador ver o comportamento ocorrendo, registrando-o da forma como ocorre. Dentre os diversos tipos de registros de observação, optou-se por trabalhar com o registro cursivo.

A observação ocorreu em situação natural, ou seja, a aula foi observada tal como ocorreu normalmente, sem a interferência da pesquisadora, procurando-se descrever tanto a ação pedagógica do professor, quanto à forma como os alunos agiam em função destas ações. Foram registrados os comportamentos do professor e dos alunos na seqüência em que ocorreram durante as atividades de ensino.

Foram observadas quatro aulas de cada professor, sendo que uma aula, dos professores PC e PM, foi conjunta. Estas observações tiveram o tempo variado em função do tipo de aula, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 2 – Distribuição da carga horária observada, por professor e aula.

<b>Professor</b>	<b>Aula 1</b>	<b>Aula 2</b>	<b>Aula 3</b>	<b>Aula 4</b>	<b>Total de horas</b>
PA (quinta-feira)	13h30 às 15h30	13h30 às 16h30	13h45 às 16h45	13h30 às 16h	10h30m
PS (quinta-feira)	13h30 às 15h30	13h30 às 16h	13h30 às 17h	13h30 às 16h	10h30m
PC (segunda- feira)	13h 30 às 17h (conjunta com PM)	13h35 às 17h10	13h30 às 15h10	15h30 às 17h10	10h25m
PM (segunda- feira)	13h 30 às 17h (conjunta com PC)	13h30 às 15h20	13h30 às 15h10	13h30 às 15h30	9h
PA, PS, PC, PM					40h25m

As observações ocorreram no período letivo de 13 de fevereiro a 25 de maio de 2006, nos horários descritos no Quadro 2, sempre às segundas e quintas-feiras. Neste processo de coleta de dados foi realizado um total de quarenta horas e vinte e cinco minutos de observação, sendo cada professor observado por, no mínimo, 9 horas e, no máximo 10 horas e 30 minutos.

## 5.2 Procedimentos de análise dos dados

Os dados foram registrados, em caderno, de forma cursiva e digitados posteriormente. Procurou-se realizar tal digitação antes que ocorresse a observação seguinte, de modo que a releitura do registro pudesse indicar possíveis falhas de obtenção de informações. Ocorrendo tal identificação antes da nova sessão de observação, haveria, então, a possibilidade de se poder incluir possíveis informações sobre os tópicos falhos.

Como se verá, a seguir, procurou-se analisar os dados de forma funcional.

A análise funcional é um método para buscar a compreensão do comportamento e passa pelo estabelecimento de relações entre as variáveis ambientais e o comportamento.

Parafraseando Costa e Marinho (2002), interpretar um comportamento significa compreender sua função, que pode variar de um indivíduo a outro, entre situações e no tempo. As autoras ainda destacam que o principal instrumento conceitual adotado para a realização de análise funcional é o conceito de contingência, introduzido por Skinner; Costa e Marinho (2002, p. 44 – 45) apresentam texto do próprio Skinner, em cujas palavras:

Uma formulação das interações entre um organismo e o seu meio ambiente, para ser adequada, deve sempre especificar três coisas: 1) a ocasião na qual ocorreu a resposta, 2) a própria resposta e 3) as conseqüências reforçadoras. As relações entre elas constituem as contingências de reforço.

... é apenas quando analisamos o comportamento sob contingências conhecidas de reforço que podemos começar a ver o que ocorre na vida cotidiana. Fatos que inicialmente desprezamos começam a comandar a nossa atenção, e coisas que inicialmente nos chamavam a atenção aprendemos a descontá-las. (...) Em outros termos, não mais encaramos o comportamento e o ambiente como coisas ou eventos separados, mas nos preocupamos com a sua inter-relação. Procuramos as contingências de reforço. Podemos então interpretar o comportamento com mais sucesso.

Greer (1999, p. 6), afirma que a educação requer uma medida que conecte o ato de ensino ao de aprendizagem, ou seja, que inclua o comportamento do professor e o comportamento do aluno. Para ele, tal medida é a unidade de aprendizagem e diz que esta unidade de interação entre o professor e o aluno é que leva a importantes mudanças no comportamento do aluno. Diz o autor:

... o comportamento do estudante fica sob controle de um estímulo discriminativo alvo (SD), dentro de certas condições motivacionais, nas quais o comportamento produzirá uma consequência particular formando um operante discriminativo. Para que isto ocorra, o professor precisa responder de certo modo à presença do aluno e do comportamento resultante, ou à sua ausência.

Assim, professor “aprende” a partir da resposta do aluno, isto é, o professor aprende o que fazer frente ao comportamento do aluno, nas palavras de Greer (1999, p. 6) “...exatamente como um pesquisador que segue o comportamento de um organismo no laboratório”. Então, a unidade de aprendizagem capta os comportamentos de ambos – professor e aluno – produzindo um resultado em particular. A unidade de aprendizagem é a medida da relação simbiótica entre o



comportamento do professor e do aluno e é, segundo o autor, uma unidade possível de ser quantificada.

Greer (1999, p. 10) destaca que pesquisas recentes mostraram que instruções efetivas são caracterizadas pelos seguintes comportamentos de ensino:

- 1) Conseqüências do professor ao aluno, ocorrendo na forma de tanto uma operação de reforçamento ou uma operação de correção contingente às respostas do aluno, ou na falta disso, a apresentação de SD do professor para o aluno deve ser sem ambigüidade (Albers & Greer, 1991; Diamond, 1992; Ingham & Greer, 1992).
- 2) O aluno deve observar (ex.: ver, ouvir, tocar, degustar, cheirar ou uma combinação deles) o SD para o qual ele responde em operações de correção ou reforço (Hogins, 1996).
- 3) O aluno deve responder ou ter a oportunidade de fazê-lo (Fisher & Berliner, 1985; Greenwood et al.; 1991, 1994; Heward, 1994).
- 4) A melhor performance do estudante resulta de taxas mais rápidas de apresentações de unidades de aprendizagem intactas (Carnine & Fink, 1978; Ingham & Greer, 1992; Linhart-Kelly & Greer, 1999).
- 5) Maior freqüência de presença de unidades de aprendizagem, (...) resultam em mais respostas corretas e objetivos instrucionais para os alunos (Greer, McCorkle & Williams, 1989; Heward, 1994, Ingham & Greer, 1992, Selinske et al., 1991).
- 6) Substituir as interações professor-aluno que não são unidades de aprendizagem por interações que o sejam, aumenta de 4 a 7 vezes as respostas corretas sobre as linhas de base (Albers & Greer, 1991, Diamond, 1992, Ingham & Greer, 1992 e Selinske et al., 1991).

Segundo Greer (1999) o resultado de todos esses estudos mostram que a presença de unidades de aprendizagem resultou em aumentos educacionalmente significativos, em respostas corretas e na obtenção de objetivos educacionais mais

significativos. Opondo-se a medidas que focalizam apenas o comportamento do aluno (tempo de engajamento, resposta ativa do aluno ou o comportamento do professor sem incorporar as respostas específicas do aluno frente ao comportamento do professor) as unidades de aprendizagem focalizam os comportamentos inter-relacionados do professor e aluno. Assim, as unidades de aprendizagem são medidas diretas de comportamentos de ambos.

Na presente pesquisa as interações professor-aluno foram, pois, o alvo de análise. Após digitadas, as aulas foram colocadas em quadros de forma a permitir a visualização das interações professor – aluno, aluno – professor, aluno – aluno ocorridas durante a aula. Os quadros, bem como as categorias e subcategorias, foram baseados na pesquisa realizada por Lopes (2006). Algumas categorias foram mantidas tal como descrita por Lopes, outras incluídas e adaptadas conforme a necessidade apresentada na análise dos dados. A seguir apresentam-se as categorias de análise:

- **PRE:** Práticas relacionadas à preparação/organização da aula, ou seja, práticas relativas à disposição de condições necessárias à aula. Considerar o momento (temporal) em que a mesma ocorre (inicial, intermediário ou final). Por exemplo: entrar na sala, cumprimentar alunos, fazer chamada, consultar e/ou organizar material (livros, equipamentos, utensílios), organizar atividade, etc.
- **ATE:** Práticas relativas à promoção da atenção dos alunos às atividades a serem apresentadas e/ou realizadas.
- **INS:** Práticas relacionadas ao fornecimento de instrução, antes ou durante realização de atividades: anunciar como a atividade deve ser realizada, duração/tempo para execução, isto é, explicitar a área de conhecimento à qual a

atividade se refere e/ou o objetivo da atividade, os comportamentos a serem emitidos pelos alunos, e/ou as conseqüências a serem obtidas, durante e após a realização da atividade.

- **EXP:** Práticas relacionadas à explanação/exposição de assunto/conteúdo (novo ou já explicitados).
  - **EXP IL:** ilustrar assunto utilizando recursos como figuras, gravuras, filmes, objetos, etc.
  - **EXP RL:** relacionar assunto/conteúdo com cotidiano dos alunos, exemplificar assunto/conteúdo, utilizar dados de pesquisa, artigos de revista, jornais, etc.
  - **EXP SI:** Apresentar síntese (parcial ou final) sobre assunto/conteúdo, utilizando palavra chave, esquema, quadro, resumo, gráfico, etc.
  - **EXP MO:** explicar ou exemplificar assunto fornecendo modelo (o próprio professor ou por meio do aluno).
  - **EXP IP:** incentivar a participação do aluno, ou seja, solicitar, instigar ou questionar alunos sobre assunto/conteúdo.
- **RET:** Práticas relativas à retomada de atividades e/ou assunto/conteúdo, de forma oral, escrita ou gestual, espontaneamente ou sob solicitação, utilizando exemplos, ilustrações, modelos, sínteses, etc.
- **ACO:** Práticas relacionadas ao acompanhamento do engajamento dos alunos, durante atividades desenvolvidas pelo professor e/ou pelos próprios alunos sem intervenção.

- **ACO IP:** incentivar a participação durante acompanhamento de atividade realizada, com questionamento sobre o assunto/atividade que o aluno está desenvolvendo.
- **ACO VE:** realizar o acompanhamento fazendo verificação das atividades e regras propostas. Por exemplo: verificar a produção do aluno, verificar uniforme e apresentação pessoal, se já estão prontos para iniciar a atividade prática, etc.
- **DEV:** Práticas relacionadas ao fornecimento de devolutiva, durante e após realização de atividade pelo aluno ( explicação, retomada de assunto/conteúdo, fornecimento de instrução ou outras circunstâncias), com intervenção do professor.
  - **DEV EL:** dar devolutiva expressando aprovação (elogio, sorriso, bater palma).
  - **DEV RP :** dar devolutiva expressando reprovação (indicando erro, balançar negativamente a cabeça).
  - **DEV EX:** dar devolutiva com explicação, sobre assunto ou sobre atividade desenvolvida pelo aluno.
  - **DEV RL:** dar devolutiva relacionando a atividade com exemplo do cotidiano (mercado de trabalho, comunidade escolar, etc).
  - **DEV MO:** dar devolutiva com modelo sobre forma de proceder.
- **COE:** Práticas que criam oportunidade de emissão do comportamento relacionado ao assunto desenvolvido na aula. Por exemplo: após uma explicação/instrução o professor propõe realização de atividades pelo aluno.

- **AVA:** Práticas de avaliação do processo ensino-aprendizagem envolvendo o acompanhamento/verificação (individual ou coletivamente) do desempenho apresentado pelos alunos com vistas à aprovação ou reprovação.
- **DIS:** Práticas disciplinares relacionadas à emissão de comportamentos não acadêmicos pelos alunos, ou seja, comportamentos que perturbam ou impedem o desenvolvimento das atividades acadêmicas do próprio aluno ou do colega, a denominada indisciplina.
- **OUT:** Outras informações. Por exemplo: reclamar sobre aspectos relacionados ao trabalho docente (infra-estrutura, condições de trabalho, relação família-escola, etc); opinar sobre algo não relacionado ao assunto/conteúdo desenvolvido (situação, fato, informação, etc), espontaneamente ou sob solicitação do(s) aluno(s); dar evasiva ou ignorar verbalização do(s) aluno(s); permitir ou negar de forma verbal ou gestual ao pedido de autorização feito pelo(s) aluno(s), explicitando ou não a razão, entre outros.

A utilização das categorias e subcategorias descritas acima facilitou a visualização das interações pedagógicas, que ocorreram durante as aulas de cada um dos professores.

A seguir, será apresentado um exemplo de quadro analítico de uma aula:

Quadro 3 – Trecho da aula de um professor

Interações	Categoria		Interações		Categoria		Interações	
	Aluno	Prof.	Aluno	Professor	Prof.	Aluno	Aluno	Aluno
Professor PM faz a chamada.	Alunos respondem.	PRE						
			Um aluno pergunta se dará todas as aulas.	PM responde explicando como será a dinâmica da aula.	DEV EX			
Chama dois alunos de voluntário para a atividade.	Os dois alunos vão para frente, serão recepcionistas.	COE						
PM simula uma situação. Faz uma pergunta para o grupo.	Alunos respondem.	EXP IP						
Chama mais dois alunos um para ser o hóspede e outro para ser o mensageiro.	Alunos levantam-se e vão para frente.	COE						
Dá mais algumas orientações antes de iniciar a	Alunos prestam atenção.	INS COE						



				alunos hóspede e mensageiro fazem os procedimentos.	mostra como devem fazer.			
				Eles continuam.	PM interrompe, novamente, orienta e faz uma pergunta aos alunos.	ACO DEV EX		
				Alunos respondem, o restante da classe também participa, dão sugestões.	PM responde, conta caso e compara os procedimentos de alguns hotéis.	DEV RL		
PM pergunta aos alunos sobre procedimento de bagagem.	Alunos respondem, a sala participa.	EXP IP						
				Alunos respondem, a sala participa.	PM pede para falarem um de cada vez.	ATE		
				Alunos perguntam um de cada vez.	PM responde com exemplo e questiona.	DEV RL		
				Alunos respondem.	PM diz: vamos analisar, criticamente, a	DEV		





Como pode ser observado, o quadro apresenta as interações professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno e a respectiva coluna com a categoria equivalente à interação.

Montado o quadro e as interações transcritas, foi realizado, em conjunto com mais duas pesquisadoras, um teste para fidedignidade na análise dos dados e classificação em categorias. Foram realizados cinco encontros, durante os quais todos os quadros foram verificados em conjunto, a fim de evitar viés ou equívocos na categorização e montagem dos quadros analíticos.

## **6 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos na análise dos dados das aulas de PA, PS, PC e PM.

### **6.1 Práticas de ensino observadas nas aulas de PA**

PA trabalha na área de hotelaria há dez anos, especificamente com a parte de serviços em alimentos e bebidas. Ministra aula para os cursos de garçom desde 2001 e, na faculdade de hotelaria, atua desde 2004, ano em que obteve sua graduação nesta área. Possui uma carga horária integral de dedicação à instituição, de 40 horas semanais, distribuídas entre aulas para os cursos de graduação e pós-graduação, projetos de extensão, entre outras atividades.

A análise das aulas permitiu mostrar alguns aspectos comuns às aulas de PA. Percebe-se que, em todas as aulas, quando os alunos chegavam à sala, PA já estava esperando os alunos, cumprimentava, brincava. Em outras palavras, PA recepcionava os alunos e criava um clima de aula agradável. Tal forma de agir, provavelmente, sinalizava aos alunos que podiam agir de forma descontraída, brincando com o professor, o que de fato ocorreu, porém, sempre com muito respeito.

Os dados obtidos a partir das observações, evidenciaram que PA preocupava-se com que todos os alunos estivessem atentos antes de iniciar uma instrução. Em suas

explanções/exposições utilizava-se, em grande parte das aulas, do fornecimento de modelos e de ilustrações. Além disso, constantemente, incentivava a participação dos alunos, com perguntas referentes ao que estava sendo abordado ou levantando o conhecimento dos alunos sobre o assunto ou, ainda, apenas perguntando se tinham entendido ou tinham dúvidas. Veremos nos quadros a seguir, trechos de uma aula que mostram as interações e os comportamentos citados.

Quadro 4 – Trechos da aula de PA

<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>	<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>
Professor	Aluno	Prof	Aluno	Professor	Prof.
13h30 – PA já está na sala (sentado, aguardando os alunos).	Os alunos chegam e se acomodam, conversam entre eles e com o prof.	PRE			
PA inicia a aula com orientação sobre a apostila, em seguida faz a chamada.	Alunos respondem a chamada.	PRE			
PA: Boa tarde pessoal! Tudo bem!	Alunos: tudo!!	PRE			
PA inicia com a explicação da dinâmica da aula de coquetéis.	Alunos olham	INS			
Diz que dará algumas orientações básicas para não terem problemas. Explica o conteúdo: bebidas alcoólicas, ficha técnica, montagem, classificação de coquetéis, importância da ficha técnica.	Alunos olham	INS EXP			

*Aula em andamento ...*

PA pergunta: Coquetéis? Alguém sabe o que é?	Dois alunos respondem.	EXP IP			
PA: Vamos lá! Coquetel é a mistura de duas ou mais bebidas. PA continua com os slides:	Alunos anotam e olham para o professor	EXP IL			
Fermentação – o que é um processo de fermentação?	Um aluno responde lendo na apostila. Os colegas riem.	EXP IP			
PA Ok! Vamos simplificar a fala do colega. PA explica e exemplifica o processo de fermentação.	Os alunos olham atentos.	EXP			

Quadro 5 – Trechos da aula de PA

<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>	<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>
Professor	Aluno	Prof	Aluno	Professor	Prof.
<i>Aula em andamento ...</i>					
Começa explicando como será a dinâmica da aula prática, em seguida inicia a matéria.	Alunos olham	INS			
PA faz uma pergunta aos alunos: Quais os tipos de restaurante que vocês conhecem?...	Os alunos respondem, self service, a la carte,, etc.	EXP IP			
PA pergunta se a la carte é tipo de restaurante ou serviço.	Um aluno responde.	EXP IP			
			Um aluno responde	PA diz “isso mesmo, muito	DEV EL

				bem”	
PA continua a explanação com slide, fazendo perguntas aos alunos.	Alunos respondem (um de cada vez, de forma ordenada).	EXP IL EXP IP			
PA continua exposição com slide, aparece uma figura no slide (um triangulo com a representação do restaurante no meio e em cada ponta escrito: ambiente, cardápio e serviço) PA faz uma pergunta referindo-se a figura.	Alunos respondem	EXP IL EXP IP			
A partir da resposta dos alunos PA dá exemplo, pede para imaginar uma situação (descreve o cenário)	alunos riem, logo ficam em silêncio.	EXP RL EXP IP			
PA faz uma pergunta sobre tal situação	Alunos respondem	EXP IP			
PA continua a explicação/exemplo e diz: “concordam comigo!”	Alguns alunos balançam a cabeça, outros continuam olhando.	EXP IP EXP			
Aula continua ...					

<i>Aula em andamento ...</i>					
PA diz: Mas o que mais?		EXP IP			
			Al. diz: Bandeja	PA diz: Bom, a bandeja é uma extensão do garçom.	DEV EL
PA pega uma bandeja e mostra aos alunos como segurar.	Todos os alunos olham atentos	EXP MO			
PA pergunta: em	Al. responde	EXP IP			

que mão devemos carregar?.					
			Al. diz: Esquerda	PA: Isso, por que?	DEV EL EXP IP
			Vários alunos respondem: serviço.	PA diz: Isso mesmo	DEV EL
PA: Vamos lá! (PA está com a bandeja na mão esquerda) Primeiro, a mão que trabalha mais é a direta	Alunos olham atentos	EXP MO			
<i>Aula continua ...</i>					

Demonstrou, também, possuir domínio técnico dos conteúdos abordados durante as aulas, pois se utilizava, com frequência, de exemplos ligados ao mercado de trabalho e respondendo a todos os questionamentos dos alunos, os quais sempre perguntavam sobre situações embaraçosas ou engraçadas que ocorrem com o hóspede. O professor citava tanto os casos corretos, quanto os que não devem ocorrer na frente do hóspede. Estes comportamentos ficaram evidenciados em todas as aulas e são exemplificados nos trechos que seguem:

Quadro 6 – Trechos da aula de PA

<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>	<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>
Professor	Aluno	Prof	Aluno	Professor	Prof.
Aula em andamento					
PA. O peso na bandeja deve estar centralizado, rótulo da garrafa para frente. PA explica e mostra. Se tiver muita coisa, estiver pesado, distribuir o peso.	Alunos olham	EXP MO			
			Al. pergunta: e se cair no	PA diz que se isto acontecer	DEV EX

			cliente?	devem pedir desculpas, sem fazer escândalo. Somos humanos e isto acontece com qualquer profissão.	
			Al. pergunta se PA já derrubou	PA diz que sim e conta um caso	DEV RL

*Aula em andamento ...*

PA explica que no restaurante tem movimento, criança correndo.	Alunos olham atentos	EXP RL			
			Alunos perguntam sobre casos do cotidiano no restaurante	PA responde, conta casos, dá exemplos.	DEV RL

*Aula em andamento ...*

PA explica cada utensílio, sua utilização, função, nomenclatura técnica e curiosidades. (Aproximadamente cem utensílios foram apresentados).	Alunos anotam e perguntam	EXP IL			
			Alunos perguntam. Participam da aula	PA responde, tira dúvidas e conta situações do cotidiano.	DEV EX

Outro ponto relevante de suas aulas é que, tendo sua aula uma característica prática, PA cria muitas oportunidades para que o aluno atue. Mas além de criar tais oportunidades, há também o acompanhamento do desempenho dos alunos durante atividades propostas. Durante a atuação dos alunos, PA acompanha e fornece



devolutivas constantemente, seja elogiando o desempenho adequado, seja fornecendo devolutivas com modelos ou explicações frente ao desempenho inadequado do aluno.

Os trechos, a seguir, são ilustrativos dos aspetos pontuados.

Quadro 7 – Trechos da aula de PA

<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>	<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>
Professor	Aluno	Prof	Aluno	Professor	Prof.
PA inicia a explicação da primeira dobra e dá a orientação, costura para cima, coloca sobre a mesa.	Alunos repetem.	EXP MO COE			
			Alunos executam	PA passa um a um para ver se colocaram certo.	ACO
			Um aluno diz que o seu guardanapo está torto.	PA diz que é de lavar.	DEV EX
PA diz que a dobra mais comum é o envelope.	Alunos olham para o prof e conversam baixo	EXP MO			
PA dobra falando em voz alta o movimento	Os alunos repetem.	EXP MO COE			
<i>Aula continua...</i>					

*Aula em andamento ...*

Ok, vamos lá, vamos ver outro!	Al. balançam a cabeça (concordam).	ATE			
PC faz, falando em voz alta.	Alunos observam	EXP MO COE			
			Alunos repetem	PC olha e verifica se	ACO

			(passo a passo)	todos acompanharam Passa olhando um a um.	
PA diz Ok! Vamos para outro. (repete o mesmo procedimento:, faz falando em voz alta, passa um a um, corrige, orienta e elogia)	Alunos observam e repetem	EXP MO COE			
			Alunos repetem, perguntam, conversam baixo com os colegas (sobre a atividade)	PA acompanha e faz com os alunos mais oito dobras.	DEV MO
<i>Aula continua ...</i>					

Também foi possível detectar que o professor apresenta uma aula planejada, pois em todas as aulas observadas, antes de iniciar a atividade, passava aos alunos o que seria realizado. Outro aspecto que evidenciou o planejamento das aulas foi o preparo prévio do material a ser utilizado, ou seja, os utensílios e matérias-primas necessários à realização das atividades, tanto explanativas quanto as propostas aos alunos, já estavam separados e organizados nas bancadas de trabalho do laboratório ou da sala de demonstração. Caso a aula tivesse foco na teoria, os equipamentos necessários para a projeção de transparência ou slides já estavam instalados e prontos para serem utilizados.

Pode-se dizer, também, que o ambiente nas aulas de PA não era coercitivo; ao contrário, verificou-se que PA elogiava o desempenho dos alunos, o que provavelmente, era reforçador e também não foram constatadas, na análise das aulas,

atitudes que caracterizassem intervenções disciplinares. Aliás, não houve ocorrência de comportamento não acadêmico, pelo contrário, os dados apontam para uma elevada participação dos alunos, seja com perguntas, seja respondendo a questionamentos do professor. Nas interações identificadas nas aulas prevaleceram atitudes que reforçavam os comportamentos adequados.

Analisando as aulas de PA podemos dizer que ocorreram unidades de aprendizagem, como proposto por Greer (1999), uma vez que os comportamentos do professor foram estímulos discriminativos (SD) para o aluno e a resposta produzida pelo aluno foi um (SD) para o professor, este último aspecto evidenciado especialmente no acompanhamento e correção, por parte do professor, da atividade desenvolvida pelo aluno. Segue um trecho exemplificando uma unidade de aprendizagem:

Quadro 8 – Trecho de uma aula

<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>	<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>
Professor	Aluno	Prof	Aluno	Professor	Prof.
<i>Aula em andamento</i> ...					
PA Ok! Vamos simplificar a fala do colega. PA explica e exemplifica o processo de fermentação.	Os alunos olham atentos.	EXP EX			
PA conta história (amarula, elefante, índios, milho) e dá exemplos do processo de fermentação e de bebidas fermentadas.	Alunos observam	EXP EX			
			Um aluno pergunta sobre o tempo de fermentação	O professor diz que é de 1 a 5 dias em várias etapas e	DEV EX

				mais para frente verão detalhadamente.	
			Um aluno pergunta sobre o whisky.	PA: o whisky é destilado.	DEV EX
Slide sobre destilado. PA: Então o que é destilado?	Aluno lê	EXP IP EXP IL			
			O mesmo aluno lê a apostila, os colegas riem.	O professor diz: "muito bem aluno x"	DEV EL
E PA explica o processo de destilação.	Alunos olham	EXP			
			Um aluno pergunta por que é mais alcoólico (destilado)	PA explica	DEV EX
			Aluno pergunta	O professor responde.	DEV
<i>A aula continua ...</i>					

As observações das aulas de PA demonstram que, nas interações presentes, tanto professor quanto alunos estão envolvidos no processo ensino-aprendizagem, já que os comportamentos do professor eram direcionados a produzir comportamentos relativos à área de conhecimento em questão, e os dos alunos ocorriam em função do proposto pelo professor. As aulas de PA mostraram que estavam presentes instruções, explicações com ilustrações, modelos e exemplos relacionando o conteúdo a fatos do cotidiano. Também havia o incentivo à participação e a criação de oportunidades de realizar atividades, levando ao engajamento dos alunos, e a ocorrência de acompanhamento e devolutivas, de várias formas, que reforçavam o comportamento adequado ou reorientavam o inadequado.

## 6.2 Práticas de ensino observadas nas aulas de PS

Dos docentes que fizeram parte deste estudo, PS é o que apresenta menos tempo de experiência profissional e de docência. Possui formação em Hotelaria e Curso de qualificação profissional na disciplina que ministra. Possui carga horária de seis horas semanais, na instituição. Desenvolve atividades de consultoria nas áreas de gastronomia e hotelaria e ministra aulas em outras instituições.

PS apresenta um procedimento inicial semelhante em todas as aulas. Antes de a aula iniciar, já está na sala e enquanto os alunos chegam, cumprimenta e conversa com eles. Começa a aula fazendo a chamada e, na seqüência, identifica qual será o conteúdo a ser trabalhado e os comportamentos específicos que pretende desenvolver nos alunos, caracterizando uma aula planejada e com clareza em relação ao que vai ensinar.

Quanto à explanação/exposição, que sempre ocorre como preparação para a atividade prática a ser executada utilizou, em algumas aulas, recursos visuais como slide ou vídeo, ilustrando o que executariam na atividade prática. Observou-se que este procedimento de ilustrar as atividades propostas para a aula, possivelmente, facilitava o processo de ensino, pois PS utilizava o exposto para indicar os aspectos adequados, bem como os inadequados, em relação ao conteúdo proposto. Por exemplo, quando o conteúdo referia-se aos tipos de cortes de carnes, PS ilustrou, a partir do vídeo, inadequações na utilização de um dado instrumento, como pode ser observado nos trechos que serão apresentados. Também a utilização do recurso áudio visual se demonstrou como facilitador para o processo de ensino, uma vez que em diversas

solicitações de dúvidas dos alunos, o professor fazia referência ao exposto por meio dos recursos áudio visuais. Verificou-se, também, que PS atuava como modelo, como forma de auxiliar as explicações/exposições realizadas.

Apresentamos, a seguir, trechos das aulas, nos quais é possível verificar os aspectos descritos acima e identificados no decorrer da observações:

Quadro 9 – Trechos da aula de PS

<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>	<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>
Professor	Aluno	Prof	Aluno	Professor	Prof.
PS já está na sala.	Alunos entram, conversam.	PRE			
PS diz: gente vamos começar! Boa tarde! PS diz: vou fazer a chamada.	Alunos sentam-se e respondem a chamada	ATE PRE			
PS está preparando o equipamento que usará na aula, vídeo e data show.	Alunos conversam.	PRE			
PS diz que hoje irão ver cortes de aves e carnes, assistir a um vídeo. Depois na cozinha irão fazer desossa e dois cortes de filé mignon.	Alunos olham e anotam.	INS			
			Um aluno pergunta se isto tem na apostila.	PS diz que sim.	DEV
PS liga o vídeo.	Os alunos conversam (baixo).	PRE			
Começa o vídeo (sobre cortes de carne). Fica um silêncio absoluto.	Alunos assistem ao vídeo	EXP IL			
			Um aluno faz uma pergunta	O professor responde	DEV

			“tem osso”,	(baixo para o aluno) tem e continuam assistindo o vídeo.	
PS pára o filme e comenta o trecho que assistiram. Vocês perceberam que ele usa a chaira (afiador) errado?	Alunos dizem que não.	EXP IP EXP IL			
PS pega a chaira e mostra a maneira correta.	Alunos olham atentos	EXP MO			
PS diz: a faca também está errada, pega uma e mostra a maneira correta.	Alunos olham	EXP MO			
Faz mais alguns comentários sobre o tema e continua o filme.	Alunos olham	EXP IL			
<i>Aula continua ...</i>					

<i>Aula em andamento ...</i>					
Explica como afiar a faca, explica sobre a pedra e mostra.	Alunos olham atentos, conversam/comentam com colegas (baixo)	EXP MO			
Explica como deve ser o pré preparo (mise-en-place), para quando forem soltar os pedidos, diz que facilita a finalização. PS explica os corte e mostra (faz).	Alunos estão em silêncio com os olhos fixos na demonstração de PS .	EXP MO			
PS explica e refere-se aos slides mostrados na sala, antes da aula. Começa cortando a salsinha, e diz que vai mostrar para	Aluno pergunta.	EXP MO RET			

verem como se faz.					
<i>Aula continua...</i>					

Após a explanação/exposição, que é realizada em sala de aula, os alunos vão para a cozinha pedagógica, onde têm a oportunidade de realizar atividades de acordo com o já explanado. Assim, PS cria oportunidades para o aluno agir de acordo com o que lhe foi ensinado. Em todas as atividades propostas para serem executadas pelos alunos, também se observou prévia organização, feita por PS. Quando os alunos chegavam à cozinha para o início da atividade, os insumos necessários para a atividade já estavam à disposição. Assim, pode-se também afirmar que no desenvolvimento das atividades pelos alunos, o planejamento e a organização estavam presentes.

Uma característica muito presente nestas aulas é a utilização de modelos, seja durante explicação que antecipa as atividades práticas, seja quando acompanhava a execução da atividade pelo aluno. Em outras palavras, ao explicar ela mostrava ao aluno como atuar e enquanto ele realizava a atividade, auxiliava e corrigia, utilizando-se deste recurso.

Ao analisar as aulas, observou-se, no quadro analítico, que a categoria com mais ocorrência foi a de explanação/exposição com modelo. Ao lado desta, PS também propiciou ao aluno a oportunidade de emissão do comportamento que pretendia instalar. Verificou-se que, durante a realização das atividades pelos alunos, há acompanhamento constante de PS e, assim, é possível dizer que o seu comportamento ocorre em função do aprendizado do aluno.



No transcorrer das aulas de PS detectamos o aparecimento de unidades de aprendizagem, como proposto por Greer (1999), já que seu comportamento tornou-se um estímulo discriminativo (SD) para o aluno e o comportamento do aluno tornou-se um SD para PS.

A seguir, seguem alguns trechos que ilustram estas situações.

Quadro 10 – Trechos da aula de PS

<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>	<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>
Professor	Aluno	Prof	Aluno	Professor	Prof.
<i>Aula em andamento ...</i>					
PS diz que agora irão fazer, diz onde está o material (salsa).	Cada aluno pega um maço.	INS COE			
			Alunos lavam, outros ainda pegam e se movimentam.	PS circula entre os alunos.	ACO
			Cada aluno na sua bancada começa o procedimento.	PS anda pela cozinha, acompanha a atividade dos alunos, orienta, corrige, faz	ACO DEV EX DEV MO
			Aluno repete. Alunos executam e conversam com colega ao lado (sobre a atividade).	PS orienta quanto a bagunça na bancada (papel solto, etc..)	ACO DEV EX
			Alunos limpam a bancada e continuam cortando.	PS corta a salsa com uma aluna que está com dificuldade.	ACO DEV EX DEV MO
			A aluna repete.	PS observa	ACO

			Alunos colocam salsa na vasilha. Quem já terminou está conversando. Todos terminam.	PS circula entre os alunos verificando se o corte está bom.	ACO
PS diz: quem tiver terminado pode colocar a salsa picada nesta vasilha (mostra a vasilha).	Alunos olham	INS			
<i>Aula continua ...</i>					

<i>Aula em andamento ...</i>					
PS circula entre os alunos, orienta uma aluna pedindo para cortar com a outra faca, mostra como faz.	A aluna repete.	ACO EXP MO			
			Uma dupla chama PS .	Ela vai até a dupla.	ACO
			Aluno pergunta.	PS responde e verifica o que o aluno fez.	DEV ACO
			Uma aluna chama PS.	PS ensina o corte no gengibre, faz.	DEV MO
			A aluna olha e depois repete.	<...>	
			Um aluno chama PS e tem dúvida sobre a desossa.	PS explica e faz.	DEV EX DEV MO
			O aluno observa e diz ta!	PS observa e o aluno continua.	ACO
<i>Aula continua ...</i>					

Os trechos acima, retirados das aulas de PS, ilustram unidades de ensino ocorridas durante as aulas. Apesar de o professor possuir uma experiência docente de apenas dois anos, ele apresenta comportamentos que favorecem o bom andamento das aulas. Ou seja, o professor dá as instruções com clareza, responde as dúvidas dos alunos, acompanha as atividades por eles realizadas, faz devolutivas com explicação e modelo imediatamente após alguma solicitação do mesmo e não precisou utilizar práticas disciplinares para o controle do grupo. Em todas as aulas houve apenas uma ocorrência desta natureza; foi referente a um atraso do grupo para retornar às atividades após o intervalo. Nesta situação PS disse: “*se acontecer como na aula passada, vocês não vão entrar*”, o que foi suficiente para todos retornarem no horário solicitado.

### **6.3 Práticas de ensino observadas nas aulas de PC**

PC possui experiência profissional na área de cinco anos e atua na docência, também há cinco anos. Possui formação em Hotelaria e pós-graduação na área educacional. Ingressou no mestrado *stricto-sensu* neste semestre. Possui uma carga horária de 20 horas semanais de dedicação à instituição, distribuída entre aulas e orientação de estágio na graduação em Hotelaria.

A observação das aulas de PC permite dizer que ele possui domínio dos conteúdos e do contexto presente no mercado de trabalho hoteleiro, pois demonstrou grande preocupação em preparar os alunos para as exigências que a hotelaria pratica.

Sendo, ainda, uma área de trabalho muito formal, a apresentação pessoal deve ser a mais rigorosa possível – como uniforme passado e padronizado, cabelo preso, crachás de identificação e postura. Outro aspecto importante refere-se à parte de segurança e higiene, uma vez que se utilizam produtos químicos para limpeza e manipulação de enxoval, o que também foi salientado por PC durante suas atividades de ensino.

Em suas explanações/exposições PC procurava alertar os alunos para estes fatores que estarão presentes quando, já formados, estiverem trabalhando no cotidiano da atividade hoteleira e foi sempre exigente com a apresentação e uniforme dos alunos.

Observando a atuação de PC, verificou-se que durante os procedimentos de ensino, estão presentes, a explanação/exposição do conteúdo com ilustração (transparências) e o incentivo à participação do aluno. PC ministra a aula de forma dialogada lançando questionamentos sobre o assunto apresentado e aproveitando as colocações dos alunos para dar continuidade ao conteúdo. O trecho da aula, a seguir, demonstra como o professor interage com os alunos:

Quadro 11 – Trecho da aula de PC

<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>	<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>
Professor	Aluno	Prof.	Aluno	Professor	Prof.
<i>Aula em andamento ...</i>					
			<Alunos estão uniformizados>	PC inicia checando o uniforme um a um, diz para um aluno que falta o crachá.	ACO VE
			O aluno diz que o crachá está no armário e pede para ir buscar	PC autoriza.	OUT

			Alunos uniformizados	PC elogia uma aluna que está com todo o uniforme e o cabelo certinho.	ACO VE DEV EL
			Alunos olham para PC .	Para outra aluna chama atenção para o cabelo, que na última aula estava melhor.	ACO VE DEV RP
			Alunos olham para PC	PC passa por todos os alunos.	ACO VE
Ao finalizar diz que até esta data não valia ponto, a partir da próxima aula contará para a nota. No dia a dia do hotel, como funcionário isto será cobrado e podem até levar advertência ou não poder trabalhar.	Alunos observam	INS			
PC diz: Vamos começar, olhem para cá (lousa) < há um organograma na lousa, lembrando o que havia solicitado na aula anterior >	Alunos olham e pegam o caderno	INS EX			
			Al pergunta se era para entregar	PC diz que não, só no caderno	DEV
			Aluna pergunta que tipo de organograma é aquele	PC diz que é funcional distribuído hierárquicamente.	DEV EX
PC explica cada item do organograma	Alunos olham atentos,	EXP IL			

(hospedagem).	anotam, estão em silêncio.				
PC faz pergunta sobre o exercício	alunos respondem, comentam	EXP IP			
PC pergunta o que eles levantaram sobre a governanta.	Uma aluna lê o que pesquisou.	EXP IP			
			Aluna lê o que pesquisou.	PC ouve o que aluna lê e olha em sua direção	ACO
PC complementa as informações, relacionando com o organograma que está na lousa e descrevendo as funções	Alunos olham para PC	EXP IL			
PC pergunta se alguém fez diferente,	Ninguém responde.	EXP IP			
PC pergunta quem fez.	Todos levantam a mão.	EXP IP			
PC: então o que vocês pesquisaram.	outro al complementa.	EXP IP			
PC dá exemplos	Alunos olham	EXP RE			
PC pergunta sobre o outro cargo – Assistente de Governança.	Um aluno lê,	EXP IP			
PC pergunta quem colocou mais,	vários alunos lêem.	EXP IP			
			Alunos lêem	PC complementa e dá exemplos	DEV EX DEV RL
			Alunos participam com perguntas	PC responde	DEV
			Aluna pergunta sobre termo	PC responde e dá outros	DEV EX DEV RL

			técnico falado pela professora durante a explicação	exemplos.	
<i>Aula continua ...</i>					

Seja no início da aula, seja durante o andamento da mesma, PC também procura garantir que os alunos estejam atentos, antes de apresentar instruções ou explanações/exposições. Quanto às instruções, pode-se dizer que eram claras, especificando o que ou como deveria ser realizada a atividade. A seguir, um exemplo de tal ocorrência em sala de aula:

Quadro 12 – Trechos da aula de PC

<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>
Professor	Aluno	Prof.
PC inicia a aula. Vamos lá gente!	Alunos olham para PC	ATE
PC Retoma a aula anterior (limpeza do quarto) e diz que a aula de hoje será da mesma forma, mas agora no banheiro. Hoje veremos o passo a passo da limpeza do banheiro.	Alunos olham para professor, outros conversam baixo.	INS RET
<i>Aula em andamento...</i>		
PC diz: acompanhando gente!	Alunos olham para PC e fazem silencio	ATE
PC continua explicação e faz pergunta aos alunos	Alunos complementam	EXP EXP IP
<i>Aula em andamento ...</i>		
PC diz: vamos lá!	Alunos olham para PC	ATE
Agradece o primeiro voluntário e dá as orientações para o segundo voluntário dizendo o que fará varrer, secar chão, etc.	Alunos olham atentos e alguns anotam	INS COE

Além de incentivo a participação do aluno, o professor cria oportunidades para que eles emitam os comportamentos de acordo com o que está sendo ensinado. Porém, diferentemente, de outros docentes, os alunos não executam as atividades ao

mesmo tempo, em virtude do conteúdo ministrado. PC solicita a participação de aluno voluntário para executar as atividades de acordo com o que está sendo ensinado. O aluno serve de modelo e PC realiza o acompanhamento, fornecendo devolutivas com explicação e, às vezes, se apresentando, ele próprio, como modelo. Dado que a execução é feita por alunos-modelo, PC tem o cuidado de garantir que haja revezamento dos alunos que atuam como modelo.

Nas observações das aulas de PC não foi detectada a ocorrência de intervenções disciplinares, pois, quando os alunos começavam a conversar, geralmente relacionado ao que ocorreu na atividade, PC solicitava atenção e todos passavam a agir em função da explanação/exposição ou instrução.

Em suma, as aulas de PC transcorriam com muito incentivo à participação dos alunos, explanações/explicações com ilustração, criação de oportunidade de emissão por alunos que serviam de modelo e com devolutivas das dúvidas, apoiadas também em uso de modelos.

No quadro, a seguir, veremos um trecho da aula de PC bem como a ocorrência de unidades de aprendizagem. Esta aula foi uma atividade, com a qual os alunos-modelo puderam vivenciar e executar a limpeza de um banheiro, no laboratório do curso, sendo observados pelos outros. Nesta aula veremos que PC busca a participação e engajamento dos alunos. Outras aulas tiveram dinâmicas semelhantes a esta.



Quadro 13 – Trecho da aula de PC

<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>	<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>
Professor	Aluno	Prof.	Aluno	Professor	Prof.
<i>Aula andamento</i>					
PC chama outro aluno voluntário	Aluno coloca a luva e espera o colega terminar.	EXP IP COE			
PC agradece ao segundo voluntário.	Alunos acompanham atividade	OUT			
			O 3º voluntário continua a seqüência da limpeza.,	PC orienta	DEV EX DEV MO
			O aluno faz, os demais alunos olham atentos.	PC vamos lá gente! O vaso. Pessoal, peço que vejam de perto.	DEV EX DEV MO
			Alunos que estavam mais distantes se aproximam.	PC explica. Ok pessoal! Vamos fazer a limpeza do vaso sanitário.	DEV EX DEV MO
			O aluno (voluntário) começa.	PC ajuda e orienta, segue o passo a passo.	DEV EX DEV MO
PC ressalta a importância da higienização. Fala sobre hotéis.	Alunos olham atentos e anotam	EXP RL			
			Aluno pergunta.	PC responde.	DEV
			O aluno continua a limpeza.	PC continua a explicação enquanto aluno faz.	DEV EX DEV MO
			Aluno abre o bidê e espirra água.Os colegas riem.	PC dá um pano para ele se secar	OUT
			Um aluno pergunta.	PC responde e exemplifica.	DEV RL
			Espirra, novamente, água no aluno. Colegas riem (descontraídos)	PC também ri.	OUT
<i>Aula continua ...</i>					

#### 6.4 Práticas de ensino observadas nas aulas de PM

PM possui experiência profissional de quinze anos e na docência atua há seis anos. Formou-se em Hotelaria e fez pós-graduação na área, ingressando no mestrado *stricto-sensu* no segundo semestre de dois mil e cinco. Possui carga horária de 40 horas semanais nesta instituição, dividida entre aulas nos cursos de graduação, cursos de extensão universitária, projetos de extensão e orientação de trabalho de conclusão de curso (TCC). Dentre os participantes, PM é o docente com mais tempo de experiência profissional e de docência.

Assim como PC, PM também dá ênfase à importância da apresentação pessoal, verificando em todas as aulas se os alunos estavam adequadamente trajados: com o uniforme correto, cabelo preso e bem penteado, crachá, acessórios discretos, meias e sapatos engraxados, por exemplo.

Em todas as aulas, antes de iniciá-las, brincava com os alunos, chamando-os para o “paredão”, atividade inicial onde todos os alunos ficavam em pé, na frente da sala de aula, e cada dupla de alunos verificava os uniformes: um aluno verificando o uniforme do outro e apontando o que não estava de acordo, por exemplo, gravata torta, brinco, cabelo sem gel, etc. Ao final PM fazia um comentário geral ou, se necessário, individual e, em seguida, solicitava para que todos voltassem aos seus lugares para continuidade da aula. Supõe-se que os alunos entendiam o objetivo da atividade, pois não se opunham ou reclamavam da situação. Pelo contrário, todo início de aula os próprios alunos falavam: “*PM paredão, né?*”. PM dizia que sim e todos executam sem objeções. O trecho da aula, a seguir, ilustra esta dinâmica inicial presente nas práticas deste professor:



PM pede silêncio (faz um gesto com o dedo sob a boca).	Todos os alunos ficam em silêncio	ATE	Alunos conversam, brincam com o colega ao lado (está barulho)	PM orienta e corrige.	ACO VE		
			<...>	PM comenta do cabelo de um aluno.	ACO VE		
			O aluno ajeita o cabelo	PM diz: Agora sim! Você disse que não dava!	DEV EL		
			O aluno brinca "professor foi difícil", os colegas riem	PM também ri.	OUT		
PM pára a supervisão e dá uma explicação geral, referindo-se a gravata de um aluno (estava muito frouxa e torta). PM explica o correto.	Alunos olham para o professor	EXP IL					
			Alunos estão na supervisão <olham para o professor>	PM termina a supervisão e elogia o grupo, pois hoje é a 1ª aula que todos estão com o crachá.	DEV EL		
<i>Aula continua ...</i>							

PM apresentou um padrão de aula participativo, ou seja, verificou-se que incentivava com frequência o engajamento dos alunos, seja com perguntas sobre o conteúdo, seja com questionamentos desafiadores, o que abria espaço para debate entre os alunos e criava oportunidades de emissão de comportamentos pelos alunos, ao propor atividades de simulação de situações.

O quadro abaixo mostra o trecho de uma aula com atividade de simulação e, em seguida, outro trecho com uma atividade de debate.

Quadro 15 – Trecho da aula PM – atividade de simulação

Interações		Categoria	Interações		Categoria	Interações	
Professor	Aluno	Prof.	Aluno	Prof.	Prof.	Aluno	Aluno
Aula em andamento							
...							
Pergunta se estão todos preparados.	Os três alunos (2 funcionárias e 1 hóspede) dizem que sim, que pode começar.	EXP IP					
PM diz: Então vamos. Inicia a simulação.	Alunos olham atentos	COE					
						Toca um telefone - Aluna diz Bom dia Hotel X	Quero fazer reserva para um grupo de excursão
						Para quantas pessoas	A aluna erra, fica atrapalhada
PM pede	Alunos	DEV EX					

para recomendar, dando dicas para a aluna.	recomeçam	COE					
						Toca o telefone - Aluna diz Bom dia Hotel X	- Quero fazer reserva para um grupo de excursão
						Para quantas pessoas Sr. (fala gaguejando)	Colegas olham atentos
PM pára a simulação. Comenta o que foi positivo e explica,	Alunos olham atentos	DEV EX					
Aula continua ...							

Quadro 16 – Trecho da aula de PM – atividade de debate

<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>	<i>Interações</i>		<i>Categoria</i>
Professor	Aluno	Prof.	Aluno	Professor	Prof.
Aula em andamento ...					
PM ok! Quem percebeu diferenças no trabalho ou de atitude?	Um aluno responde	EXP IP			
			Um aluno conta a diferença que percebeu entre a recepção do Grande Hotel e a recepção do hotel estudado no seu projeto interdisciplinar.	PM faz uma pergunta referente ao comentário do aluno.	ACO IP
			Alunos	PM faz outra	ACO IP

			respondem.	pergunta <a partir do comentário do aluno?>.	
			Uma aluna (T) responde.	PM responde e conclui.	DEV EX
PM responde e conclui.	<...>	EXP SI			
			Um aluno e uma aluna comentam. Outra aluna (T) também comenta.	PM questiona. <a partir do comentário do aluno?>.	ACO IP
			Duas alunas (T) e (A) respondem (referente ao recepcionista ficar em pé).	PM presta atenção às colocações as alunas.	ACO
			Todos os alunos participam. Debate.	Debate	ACO
			Aluno fala. questiona,	PM responde.	DEV EX
			Aluno fala.	PM responde, questiona.	DEV EX ACO IP
			Aluno fala.	PM responde, questiona.	DEV EX ACO IP
			Aluno fala.	PM responde, questiona.	DEV EX ACO IP
PM faz relação com o conteúdo da disciplina e pergunta novamente.	Alunos respondem	EXP RET EXP IP			
<i>Aula continua ...</i>					

Quadro 17 – Trecho da aula de PM

Interações		Categoria	Interações		Categoria
Professor	Aluno	Prof.	Aluno	Professor	Prof.
PM Diz: vamos continuar a simulação pensando no ideal ou no usual. PM diz: voltando.	Alunos recomeçam.	INS EX COE			
			Boa tarde! Seja bem vinda! .....	PM corrige, orienta.	DEV
			Aluno refaz, tira dúvida e continua.	PM questiona um procedimento,	ACO IP
			Aluno responde e continuam. A classe acompanha e ri em algumas situações.	PM interrompe, mostra como deveriam fazer,	DEV EX DEV MO
			Aluno continua. Fazem check in, continuam os procedimentos....	PM interrompe, corrige.	DEV EX
			aluno pergunta.	PM responde.	DEV
			Aluno, Ah! Tá! E continua a simulação.	PM interrompe, dá dicas e conta situações do dia a dia.	DEV RL
			Alunos participam. Um aluno pergunta sobre a aprova.	PM explica com exemplos.	DEV RL
			Uma aluna pergunta sobre a simulação.	PM responde e dá exemplos do mercado de trabalho.	DEV RL
			Uma aluna pergunta.	PM mostra a situação, fazendo papel de hóspede.	DEV MO
			Duas alunas conversam, aparentemente não é sobre a	PM pede para acabarem a conversa fora da sala.	DIS



			aula.		
			A aluna diz que fica quieta	PM pede para que saiam e esperem uns cinco minutos lá fora, assim podem acabar a conversa.	DIS
			As alunas saem.	PM continua a explicação.	DEV EX
			Alunos olham atentos e perguntam.	PM responde e conta casos.	DEV RL
Aula continua ...					

Nas aulas de PM, também foi possível identificar elevado número de devolutivas com exemplos ou com fornecimento de modelos. PM também possui uma vasta experiência profissional e desta forma suas explicações/exposições e exemplos estavam, frequentemente, ligados ao mercado de trabalho na área de hotelaria.

Foi detectada a ocorrência de práticas disciplinares nas aulas deste professor; como exemplificado no final do quadro 17, de todos os docentes observados, este foi o que apresentou ocorrências desta natureza, embora isto não tenha comprometido as atividades desenvolvidas em suas aulas.

Como os demais participantes, há indicadores de que PM também apresenta uma aula planejada, já que sistematicamente explicita o que será desenvolvido na aula. Os recursos áudio visuais como data show ou retroprojetor já estavam preparados e o cenário para as aulas práticas montado.

## **6.5 Considerações gerais das análises de PA, PS, PC E PM**

Com base nas descrições e análises das aulas dos quatro professores destacamos vários pontos em comum entre eles. Todos apresentaram domínio sobre os conteúdos ministrados. Nas aulas apareceram contingências de ensino nas quais se evidenciava que o comportamento do professor se mantinha sob controle da aprendizagem do aluno, como descrito nos quadros analíticos apresentados. Apareceram, também, comportamentos de incentivo à participação do aluno, criação de oportunidade de emissão de comportamentos que estavam sendo ensinados, acompanhamentos e devolutivas das atividades realizadas pelos alunos, o que ocorreu em todas as aulas observadas, e de todos os professores, sem exceção.

Infere-se que havia planejamento das aulas, com objetivos definidos, já que os professores davam instruções do que o aluno iria aprender, faziam explanação/exposição clara do conteúdo e organizavam previamente os recursos - como, por exemplo, os materiais, insumos e utensílios para as atividades práticas e os recursos áudio visuais utilizados nas explanações/exposições - necessários ao desenvolvimento das aulas.

Para levar o aluno a apresentar o comportamento esperado, verificou-se que os professores fornecem como estímulos antecedentes explanações/exposições, bem como instruções, apresentação de modelos e questionamentos, e, fornecem conseqüentes para a ação do aluno, como, por exemplo, acompanhando e fornecendo devolutivas – elogiando, corrigindo, respondendo a questões – que re-orientam a

atuação do aluno. No transcorrer da aula, estes comportamentos são claramente percebidos.

Não ocorreram situações, as quais poderíamos destacar como dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. Para este fato, podemos levantar algumas hipóteses, quais sejam: o grupo de professor já atua em conjunto há cinco anos, com exceção de um dos participantes que iniciou suas atividades docentes há dois anos, e regularmente realizam reuniões, nas quais discutem suas atuações, o que possibilita a troca de experiência e, provavelmente, ameniza as dificuldades que poderiam surgir.

Outro ponto que merece ser levantado é o número de alunos em sala de aula. Embora as turmas tivessem 35 alunos e como as disciplinas observadas eram práticas, os professores atuavam com apenas 17 ou 18 durante as aulas, já que as turmas eram subdivididas, o que provavelmente facilita não apenas as explicações/exposições e as instruções, mas, principalmente, o acompanhamento dos alunos, favorecendo a ocorrência de devolutivas por parte dos professores.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Skinner educar é estabelecer comportamentos que sejam vantajosos para o indivíduo e para os outros em tempo futuro. Assim, quando pensamos em futuro, devemos pensar nos objetivos que queremos levar os alunos a chegar e de que forma será necessário atuarmos para atingirmos essas metas.

Pereira, Mariotti e Luna (2004) apontam alguns princípios que norteiam o planejamento do ensino e alguns destes apareceram com muita freqüência na análise da presente pesquisa. O primeiro princípio apresentado refere-se a manter o aluno constantemente em atividade; vale ressaltar, porém, que mantê-lo em atividade não é mantê-lo apenas ocupado. Como destacam os autores, é necessário acompanhar o desempenho do aluno e, se necessário, re-planejar as condições sob as quais o aluno aprenderá. Sobre este aspecto, colocam que:

Manter o aluno em atividade implica avaliar não apenas o produto do seu comportamento, mas o seu comportamento (que “passos” ele deve ter dado para chegar à solução), ressaltando ao máximo as aproximações ao desempenho adequado/correto e criando condições para que ele aprenda o que ainda não sabe. (PEREIRA, MARIOTTI E LUNA, 2004, p. 26)

Mantendo o aluno em atividade e acompanhando-o, é possível identificar os comportamentos emitidos e atuar sobre as respostas, tanto reforçando positivamente as adequadas, quanto re-direcionando aquelas que ainda se apresentam como inadequadas. E, aqui podemos fazer referência a um outro princípio colocado pelos

autores – refere-se a prover conseqüências reforçadoras positivas para os comportamentos dos alunos.

Complementando, o terceiro princípio apontado por estes autores é o de evitar ao máximo as conseqüências aversivas, pois como apontado por Skinner as conseqüências causadas pelo controle aversivo geram comportamentos de fuga ou de esquiva, ficando o aluno sob controle de outras variáveis e não o de aprender. O controle aversivo também gera reações emocionais; sobre isso afirmam que:

o relacionamento professor-aluno muitas vezes é permeado por frustrações e desamparo, por parte dos professores e desinteresse ou ansiedade, por parte dos alunos. Muitas vezes, as estratégias adotadas propiciam um comportamento submisso e passivo dos alunos, o qual é incompatível com a ocorrência de um processo de aprendizagem eficaz. (PEREIRA, MARIOTTI E LUNA, 2004,p. 26, 27

Por fim, afirmam que se deve envolver, ao máximo, o aluno na avaliação de seu próprio desempenho e citam como exemplos do que se pode fazer: descrever para o aluno os critérios da avaliação, apontar quais foram os resultados atingidos pelos alunos e, gradualmente, levá-los a confrontar estes critérios com seu comportamento; tais ações aumentarão as chances de o aluno interagir com as condições com que se depara e reorientar seu próprio desempenho. Como destacam, “Na pior das hipóteses, ele dependerá cada vez menos de que alguém lhe diga se ”foi bem” ou “foi mal””(p. 30).

Sobre estes princípios, verificamos que manter o aluno em atividade e acompanhá-lo durante as atividades que executa, apareceram com freqüência nas práticas docentes dos professores participantes da presente pesquisa, que no caso são

responsáveis por disciplinas práticas. Na análise dos dados verificamos sistematicamente a proposição, por parte dos professores, de atividades a serem realizadas pelos alunos, propostas que propiciaram o engajamento dos alunos. Verificamos, também, que em todas as ocasiões em que eram propostas atividades a serem realizadas, estava presente o acompanhamento dos alunos por parte do docente e devolutivas a respeito da atuação dos mesmos, sejam reforçadoras dos comportamentos adequados, sejam re-orientadoras da atuação, de modo a levá-lo a apresentar o comportamento esperado.

Também não foram registradas práticas aversivas sistemáticas no decorrer das aulas. Como já salientado, as aulas transcorriam em um clima de descontração, mas sempre com atividades acadêmicas sendo desenvolvidas. Verifica-se, pois, que a atuação dos docentes corresponde a aspectos que são destacados, pela literatura, como importantes no processo ensino-aprendizagem.

Dos princípios elencados por Pereira, Mariotti e Luna (2004), o relativo ao envolvimento do aluno no processo de auto-avaliação não pôde ser constatado. Em realidade, não se observaram práticas de avaliação, com vistas à possível aprovação/reprovação do aluno na disciplina, durante o período de coleta dos dados. Embora os docentes acompanhassem o desempenho dos alunos durante as atividades, não houve dados para que os professores utilizassem as informações que obtinham durante o acompanhamento e devolutivas, como elementos de avaliação acadêmica. É possível que sim, porém em nenhum momento houve comentários, por parte de professores ou alunos, a este respeito. Também, durante os acompanhamentos e devolutivas não se verificou a presença de ações dos docentes no sentido de levar o aluno a desenvolver a auto-avaliação do desempenho, de modo a torná-lo mais independente da pessoa do

professor como avaliador. Aqui, parece se evidenciar um aspecto que mereceria ser alvo de propostas de formação de professores: a capacitação do docente para levar o aluno a se auto-avaliar em função dos objetivos propostos. Para tanto, porém, uma condição é necessária: os objetivos devem ser explicitados aos alunos e, como se verá, a seguir, os professores têm condições de explicitá-los.

Zanotto (2000) destaca a importância do planejamento de ensino e, neste, dos objetivos, que devem ser expressos em termos dos comportamentos que queremos desenvolver nos alunos, e dos procedimentos para ensinar. Em outras palavras, a autora firma que devemos explicitar as ações a ocorrer, para possibilitar o estabelecimento, tanto das condições antecedentes que as propiciem, quanto das conseqüências que deveriam seguir tais ações.

Em relação ao planejamento, embora não se tenha obtido informações antecipadas sobre os objetivos propostos pelos docentes, o acompanhamento das aulas indicou que o professor preparava previamente condições de ensino (materiais necessários às exposições e atividades), o que indica algum grau de planejamento. Ainda verificou-se que fornecia instruções sobre os comportamentos a serem emitidos pelos alunos, o que indica que ele sabia que comportamentos ensinar aos mesmos. Assim, embora não se tenha tido acesso a planejamentos formalizados por escrito, obtiveram-se indicadores de que os docentes têm clareza sobre o que esperar dos alunos, e isto em termos comportamentais.

Sobre as conseqüências às ações dos alunos já fizemos referência. Quanto às condições antecedentes providas aos alunos, verificou-se a presença de explicações/exposições, constantemente acompanhadas de recursos visuais e materiais, de exemplificações relacionadas ao cotidiano, além de uso de modelos

(fornecido pelo próprio professor ou pelo aluno). O uso de modelo fornecido pelo aluno, utilizado como condição de ensino por alguns docentes, possibilitou que o docente interferisse, durante a execução da atividade, de modo a re-orientar a atividade enquanto estava sendo executada.

As ações docentes e a conseqüente atuação dos alunos, tal como observados em interação, permitem-nos afirmar que houve, durante as aulas, unidades de aprendizagem. E, como destacado por Greer (1999), quanto maior a presença de unidades de aprendizagem, maior a eficiência da ação docente.

Neste projeto identificaram-se, no desenvolvimento das aulas, ações que se evidenciaram como produtivas academicamente. Tais ações devem fazer parte do repertório de docentes, portanto em propostas de formação de professores, deve-se ter como meta levá-los a adquirir tal repertório. Por outro lado, outros aspectos devem ser contemplados; no presente estudo, evidenciou-se que um deles refere-se às práticas de avaliação.

Enfim, procurou-se compreender as contingências de ensino que vigoram no cotidiano de aulas de professores de disciplinas “práticas” de um curso de hotelaria, com o propósito de indicar caminhos para o aperfeiçoamento das atividades educativas e, assim, tornar o ensino mais eficiente e contribuir com os profissionais que atuam nesta área de formação.



## REFERÊNCIAS

CARMO, João dos Santos. Prática Pedagógica: Algumas Contribuições da Psicologia Comportamental. *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas*, Belém, v. 13, n. 1/2, p. 49-56, jan./dez. 1994.

COSTA, Silvana E. G. de C.; MARINHO, Maria L. Um modelo de apresentação de análise funcionais do comportamento. *Revista de Estudos de Psicologia, PUC-Campinas*, Campinas, v. 19, n. 3, p. 43-54, setembro/dezembro, 2002.

DUARTE, Newton. As pedagogias do “aprender a aprender” e algumas ilusões da assim chamada sociedade do conhecimento. *Revista Brasileira de Educação*, n.18, p.15-40, Set/Out/Nov/Dez. 2001.

GREER, R. Douglas, SALLY, Hogi McDonough. Is the Learn Unit Fundamental Measure of Pedagogy?. *The Behavior Analyst*, n. 22, p. 5-16, 1999.

KITA, Paula Keiko. Ensino de Química: Um estudo a partir do relato de professores do Ensino Médio. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Programas de Estudos Pós Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LOPES, Adriana Lourenço. Um olhar sobre a 5ª série do Ensino Fundamental: Reflexões acerca das práticas educativas e da formação docente. 2006. 179 p. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Programas de Estudos Pós Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

LUNA, Sérgio Vasconcelos. As contribuições de Skinner para a educação. *Psicologia da Educação revista do programa de estudos pós graduação PUC-SP*, São Paulo, n.7/8, p.126-151. 1999.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional de Nível Tecnológico. Parecer CNE/CP nº 29. 2002.

MOROZ, Melânia. Educação e Autonomia: relação presente na visão de B. F. Skinner. *Temas de Psicologia*, São Paulo, n.2, p.31-40, 1993.

PEREIRA, Maria Eliza Mazzili; MARINOTTI, Miriam; LUNA, Sérgio Vasconcelos. O compromisso do professor com a aprendizagem do aluno: contribuições da Análise do Comportamento. In: HÜBNER, Maria Martha Costa; MARINOTTI, Miriam. *Análise do Comportamento para a educação: Contribuições recentes*. Santo André: ESETec, 2004.p. 11 - 32

RODRIGES, Maria Ester. A contribuição do Behaviorismo Radical para a formação de professores – uma análise a partir das dissertações e teses no período de 1970 a 2002. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Programas de Estudos Pós Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SENAC. Projeto Pedagógico do Curso Superior de Tecnologia em Hotelaria. 2006.

SKINNER, B. F., *Ciência e Comportamento Humano*, 11 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003

\_\_\_\_\_. *Tecnologia do Ensino*, São Paulo: EPU, 1972

ZANOTTO, Maria de L.B.; MOROZ, Melânia; GIÓIA, Paula S. Behaviorismo Radical e Educação, *Revista da APG*, São Paulo, setembro, 2000.

ZANOTTO, Maria de Lourdes Bara, *Formação de Professores – a contribuição da análise do comportamento*, São Paulo: EDUC, 2000

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)